



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

VALKÍRIA OLIVEIRA DE MELO

**MARGUERITE PORETE E MESTRE ECKHART: O ANIQUILAMENTO E O
DESPRENDIMENTO COMO CAMINHOS PARA UMA ÉTICA DO AMOR**

JOÃO PESSOA
2019

VALKÍRIA OLIVEIRA DE MELO

**MARGUERITE PORETE E MESTRE ECKHART: O ANIQUILAMENTO E O
DESPRENDIMENTO COMO CAMINHOS PARA UMA ÉTICA DO AMOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, como exigência parcial para obtenção de título de MESTRE em Filosofia, linha de pesquisa Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira
Co-orientadora: Prof^a Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

JOÃO PESSOA
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M528m Melo, Valkíria Oliveira de.

Marguerite Porete e Mestre Eckhart : o aniquilamento e o desprendimento como caminhos para uma ética do amor / Valkíria Oliveira de Melo. - João Pessoa, 2019.
66 f.

Orientação: Anderson D'Arc Ferreira.

Coorientação: Maria Simone Marinho Nogueira.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Marguerite Porete. 2. Mestre Eckhart. 3. Deus. 4. Amor. 5. Ética. I. Ferreira, Anderson D'Arc. II. Nogueira, Maria Simone Marinho. III. Título.

UFPB/CCHLA

VALKÍRIA OLIVEIRA DE MELO

MARGUERITE PORETE E MESTRE ECKHART: O ANIQUILAMENTO E O
DESPRENDIMENTO COMO CAMINHOS PARA UMA ÉTICA DO AMOR

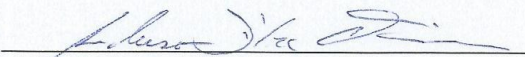
Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Filosofia da
Universidade Federal da Paraíba, como
exigência parcial para obtenção de título
de MESTRE em Filosofia, linha de
pesquisa ética e filosofia política.

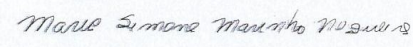
Orientador: Prof. Dr. Anderson D'Arc
Ferreira

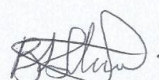
Co-orientadora: Profª Dra. Maria Simone
Marinho Nogueira

Aprovado em: 13/12/2019.

Banca Examinadora


Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira (Orientador) – UFPB


Profª. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (Co-orientadora) – UEPB


Prof. Dr. Betto Leite da Silva (Membro Interno) - UFPB

Prof. Dr. Danilo Vaz Curado (Membro Externo) - UNICAP

À Amor, fonte de todo amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que vestido de Amor (de si), nos impulsiona a seguir em frente.

Aos meus pais, Verônica Oliveira e Valdemir Oliveira e irmãos, Valeska Oliveira, Danylo Oliveira e Dyego Oliveira a quem Deus me deu a oportunidade para ama-los de perto e, as pequenas, Sophia Oliveira e Laís Oliveira reflexo do amor de Deus.

À Professora Simone Marinho pela atenção e por ter apresentado nossos pensadores e por sua co-orientação. Agradeço também ao professor Anderson D'Arc pela orientação.

Ao Departamento de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, pelos auxílios prestados.

À CAPES pela bolsa concedida, proporcionando o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos meus amigos e mestres por dividir conhecimentos, nos impulsionando sempre a novos saberes.

De forma geral, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação.

“Estar vazio de toda criatura é estar cheio de Deus, e estar cheio de toda criatura é estar vazio de Deus” (Mestre Eckhart).

“Amai e fazei tudo o que quiserdes” (Marguerite Porete).

RESUMO

O presente trabalho apresenta o pensamento místico desenvolvido por Marguerite Porete e Mestre Eckhart, que visa à transformação da alma após a experiência mística com Deus/Amor, momento em que a alma recebe a compreensão sobre Amor/Deus. A alma aniquilada/desprendida volta do encontro com Deus (que é o próprio Amor), transformada por Deus/Amor em Amor, com outra percepção do mundo e das pessoas, de modo que sua ação depois do encontro com o Divino é guiada por seu Amor. A alma que fora transformada no Amor, estando no mundo, torna-se reflexo de Deus, momento este que percebe e move-se em relação a outrem com Amor (sua nova natureza), a essa ação da alma transformada por Amor damos o nome, em nosso trabalho, de 'Ética do Amor'. Para chegar a esse estado de elevação da alma e compreensão de Deus/Amor, Marguerite Porete e Mestre Eckhart sugerem, respectivamente, em seus escritos, *O Espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo de Amor* e nos *Sermões Alemães* e em *O livro da divina consolação* o caminho para o aniquilamento e desprendimento das coisas tanto externas (mundo) como internas (vontade/eu). Nesse sentido, objetiva-se apresentar neste trabalho o caminho de aniquilamento e desprendimento que Marguerite e Eckhart propõem para dar suporte ao leitor sobre o pensamento místico de nossos autores, possibilitando a compreensão do momento em que a alma, ao perder sua vontade, tornando-se nada, pode ter uma experiência intelectual sobre Deus/Amor e, a partir dessa compreensão, ser transformada e transformando sua relação com o próximo, o que chamamos de 'Ética do Amor'.

Palavras-chave: Marguerite Porete. Mestre Eckhart. Deus. Amor. Ética.

ABSTRACT

The present paper presents the mystical thinking developed by Marguerite Porete and Master Eckhart, which aims at the transformation of the soul after the mystical experience with Love/God, at which time the soul receives the understanding of Love/God. The annihilated/detached soul returns from the encounter with God (which is Love itself), transformed by God/Love in Love, with another perception of the world and people, so that its action after the encounter with the Divine is guided by its Love. The soul that has been transformed into love, being in the world, becomes a reflection of God, a moment that perceives and moves in relation to another with Love (its new nature), to this action of the soul transformed by love, we call it, in our work, from 'Ethics of Love'. To reach this state of soul elevation and understanding of God/Love, Marguerite Porete and Master Eckhart suggest, respectively, in their writings, *The Mirror of the simple and annihilated souls that remain only in the will and desire of Love* and in the *Germans Sermons* and in *The Book of Divine Consolation*, the path to the annihilation and detachment of both external (world) and internal (will/self) things. In this sense, the aim of this paper is to present the path of annihilation and detachment that Marguerite and Eckhart propose to support the reader about the mystical thought of our authors, enabling the understanding of the moment when the soul, when losing its will, becoming nothing, it can have an intellectual experience about God/Love and, from that understanding, be transformed and transforming its relationship with its neighbor, what we call the 'Ethics of Love'.

Keywords: Marguerite Porete. Master Eckhart. God. Love. Ethic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O ANIQUILAMENTO EM MARGUERITE PORETE	13
1.1 Contexto histórico em que viveu Marguerite Porete	13
1.2 Marguerite Porete: vida e processo inquisitório	21
1.3 O aniquilamento como caminho para união com Amor	28
2 O DESPRENDIMENTO EM MESTRE ECKHART	35
2.1 Contexto histórico em que viveu Mestre Eckhart	35
2.2 Mestre Eckhart: entre a ortodoxia e a heresia	38
2.3 O desprendimento como caminho para união com Deus	41
3 A POSSIBILIDADE DE UMA ÉTICA DO AMOR	49
3.1 Uma linguagem apofática na mística porretiana e eckhartiana	49
3.2 Uma ética do Amor em Marguerite Porete e Mestre Eckhart	53
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

O tema da mística, no passado (e porque não dizer até hoje), suscitou em algumas pessoas e autoridades eclesiais certa desconfiança e mesmo certo (pré)conceito em relação aos que viveram e falaram sobre suas experiências com Deus. A dificuldade em compreender e aceitar uma crescente variedade de percepções sobre o Divino levaram homens e mulheres, especialmente na baixa Idade Média, a serem condenados ao campo das heresias pela Igreja Católica.

Em nossos dias o estudo sobre o tema da mística, no nosso caso da mística especulativa, vem crescendo e desafiando estudiosos na compreensão de um pensamento tão rico e vasto. Apresentaremos neste trabalho um pouco sobre a mística francesa, ressaltando o pensamento de Marguerite Porete, e da mística renana, com as ideias de Mestre Eckhart.

Em se tratando de Marguerite Porete analisaremos sua única obra (pelo menos a única que chegou até nós) mas de grande contribuição para a mística francesa: *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*, no que diz respeito a Mestre Eckhart (que pode ser considerado como protagonista da mística renana) refletiremos sobre seus *Sermões Alemães* e *O livro da divina consolação*.

Nessa pesquisa apresentaremos os conceitos/caminhos de aniquilamento de Marguerite Porete e de desprendimento em Mestre Eckhart, em que os autores sugerem as almas para o encontro/experiência mística com Deus. E quais impactos esse encontro pode gerar na alma depois de receber/compreender o ser de Deus/Amor, como ela reage e age após essa transformação estando ela no mundo.

Esclareceremos, desse modo, o que a alma que visa o aniquilamento/desprendimento precisa fazer, ou melhor, deixar de fazer, para o encontro e união com Deus/Amor, segundo o pensamento místico de Marguerite Porete e Mestre Eckhart. Nesse processo é necessário a compreensão que se deve deixar de lado as coisas externas (mundo) e, sobretudo, as coisas internas (vontade/eu), essa última é o ponto chave da mística de nossos autores. É a partir da 'morte' da vontade que a alma aniquilada/desprendida compreende seu nada, momento em que esta destituída de toda natureza humana, sendo receptiva à Deus.

É nesse momento do nosso texto, de demonstração da morte da vontade, tanto em Marguerite quanto em Eckhart, que permite falarmos de uma transformação da alma, antes cheia de si (vontade), para uma em que fora transformada na natureza do Amor pelo próprio Amor/Deus. Transformada pelo Amor, assumindo uma nova natureza (a do próprio Amor), a alma aniquilada/desprendida, estando no mundo, guiará suas ações com amor, pois, não pode ser diferente de sua 'nova natureza'. A essa ação, em relação ao outro, movida pelo Amor, chamamos, em nosso trabalho, de 'Ética do Amor'. Compreendemos como possível essa leitura no pensamento místico de Marguerite Porete e Mestre Eckhart, pois, ambos os autores afirmam que a alma unida a Deus/Amor, através da experiência mística, estaria tão unida a Ele que seria seu próprio reflexo. Sendo Deus o próprio Amor, a alma aniquilada que conhecera a Deus/Amor, só pode refletir no mundo Amor e, ao relacionar-se com outrem, pode colocar esse Amor em prática, o que lemos como uma 'Ética do Amor'.

Para uma compreensão melhor sobre como chegamos nessa ideia de uma 'Ética do amor' em nosso texto, apresentaremos a partir daqui como nosso trabalho está dividido em capítulos e o que cada um traz para a contribuição da nossa ideia. O primeiro capítulo apresenta o contexto histórico em que viveu Marguerite Porete, demonstrando qual foi a ligação entre ela e as beguinhas, no que se refere ao pensamento e ao modo de vida, o que essas mulheres ousaram saber e qual foi a consequência para muitas por tamanho atrevimento. De primeiro momento, apresentamos a escrita e a pregação das beguinhas como transgressora do papel da mulher no medievo, opondo-se, por vezes, aos dogmas da Igreja Católica, que dentre muitas coisas, não as autorizavam pregar sobre Deus. Em volta a esse ambiente também viveu Marguerite Porete, que assim como as beguinhas, buscou desenvolver um conhecimento sobre o Divino sem precisar da mediação da Igreja. Por essa e outras transgressões que nossa pensadora é julgada e condenada pela Inquisição. No último tópico deste capítulo apresentamos o caminho do aniquilamento de Marguerite, tanto para entendermos melhor o motivo de sua condenação, quanto, sobretudo, para compreender seu pensamento místico e como poderíamos ler uma 'Ética do amor' nele.

No capítulo dois começando também por apresentar o contexto histórico em que viveu Mestre Eckhart, como foi sua relação com a Igreja nos dois momentos importantes de sua vida e o que desenvolveu em seu pensamento místico. O

momento histórico de Mestre Eckhart foi o mesmo de Marguerite Porete e das beguinhas, é levantado até que ele, direta ou indiretamente, tenha tido um contato com elas ou seus escritos. Apresentamos ainda nesse capítulo a relação que Eckhart manteve com a Igreja, enquanto fora professor em Paris e ‘obediente’ a ela e quando se ‘desviou’ ao desenvolver seu pensamento místico, pensamento esse que o levava a ser julgado e condenado pela mesma, como fora apresentado em nosso trabalho. Finalizamos esse capítulo apresentando o pensamento místico do Mestre e que caminho ele sugeriu para as almas terem uma união mística com Deus, sendo transformadas por Ele e, como essa transformação, gera na alma um olhar (e ação) em relação ao outro diferente, o que apontamos como uma ‘Ética do amor’.

No terceiro e último capítulo, apresentamos de início, a dificuldade encontrada em falar de uma experiência mística, quando o objeto mesmo do ensino ultrapassa toda linguagem/compreensão, Deus. Nesse sentido, é necessário que o ouvinte force seu entendimento para além das vias racionais para que possa dá acesso à percepção de Deus com a ajuda de metáforas e outros artifícios da linguagem. No último momento do nosso texto enfatizamos a necessidade da negação do eu (da vontade) na mística de Marguerite Porete e Mestre Eckhart como requisito tanto para união com Deus, quanto, para que nessa união, a alma consiga ser transformada por Deus/Amor, sem que ela possa interferir (cheia de vontade) nesse momento em que Amor/Deus a transforma Nele, sem ela (vontade/eu). Transformada no Amor a alma aniquilada/desprendida torna-se reflexo de Amor/Deus no mundo, relacionando-se com o próximo com amor (que é sua nova natureza), momento em que lemos uma ‘Ética do Amor’ no pensamento de Marguerite Porete e Mestre Eckhart.

Dessa forma, destacamos em nosso trabalho o caminho do aniquilamento e do desprendimento de Marguerite Porete e Mestre Eckhart como necessários para a transformação da alma (do eu). Para que, transformada no Amor/Deus, a alma possa alcançar um estado de compreensão intelectual que a fará deixar de lado todo e qualquer ato egoísta para doar-se ao outro sem interesses. De modo que tudo que fizera, estaria fazendo numa ação de Amor, a que chamamos ‘Ética do Amor’.

1 O ANIQUILAMENTO EM MARGUERITE PORETE

Neste capítulo faremos uma breve apresentação sobre o período histórico em que viveu Marguerite Porete, como foi a relação entre Estado e Igreja Católica e qual foi o lugar das mulheres (as beguinhas) no final da Idade Média. Apresentaremos quem foram essas mulheres/beguinas e o que escreviam e pregavam, ousando por vezes a discordar dos dogmas da Igreja. Dentre essas mulheres destacaremos o pensamento de Marguerite Porete, sua vida e processo inquisitório. Sobre seu livro *O Espelho das Almas Simples* destacaremos o caminho que Marguerite sugere para uma união mística com Deus, o caminho para o aniquilamento, e o que as almas teriam que fazer, ou melhor, deixarem de fazer, para conseguirem tal intuito.

1.1 Contexto histórico em que viveu Marguerite Porete

A baixa Idade Média, mais especificamente no final do século XIII e início do século XIV, foi marcada pela efervescência em praticamente todas as áreas da sociedade. No campo religioso só se deveria pensar em religião ligada à Igreja Católica, que era representada pelo Papa, mas ter uma religião oficial não fazia com que algumas pessoas da Idade Média não buscassem outras formas de espiritualidade. Destacaremos mais adiante neste texto ser esse o caso das beguinhas, que embora muitas não pretendessem se desvincular totalmente da Igreja, buscavam uma nova maneira de compreender o Divino, que por vezes transgrediam os dogmas da Igreja.

Quando Marguerite nasceu (por volta de 1250) quem tinha o governo da França era Luís IX, que depois foi chamado de São Luís. Ele ficou conhecido também como sendo um bom homem, exemplar na vida privada, dedicou seu governo à caridade, com o tempo foi buscando uma vida mais simples. Devido suas crenças religiosas acreditou que a guerra por meio das cruzadas e o estabelecimento da Inquisição na França seria algo a ser feito para Deus. Diferentemente de São Luís, Filipe IV, seu neto, que reinou entre 1285 a 1314, não foi reconhecido pela bondade, mas por um temperamento violento e por seu orgulho. Segundo Cantù:

[...] tão malévolos e tirânicos, quanto S. Luís fora bom e forte, ele tornou absoluto o poder que até então fora paternal. O seu despotismo não foi o de Carlos Magno, que queria tudo poder para estar em estado de praticar o bem; Filipe quis sem considerações gerais, sem intenções generosas, satisfazer as suas paixões, os seus caprichos e a sua vontade pessoal (CANTÚ *apud* ALMEIDA, 2012, p. 44)¹.

Além do seu governo ter sido diferente do de seu avô, Filipe IV não seguiu em paz, em alguns momentos, com o outro poder da época, o do Papa. Ele ficou conhecido como um dos governantes que teve as disputas mais acirradas com a autoridade máxima da Igreja, que no seu caso foi o Papa Bonifácio VIII (1294-1303)², que ficou conhecido como sendo um homem ganancioso que por vezes buscava interesses particulares, visando o poder. Assim:

Foram esses homens orgulhosos, teimosos, com sede de poder e abusando dele, que governavam a França e a Igreja na época em que viveu Marguerite Porete. O Papa Bonifácio VIII morreu em 1303, antes, portanto, de sua execução. Sob a ordem de seu sucessor, Clemente V, que foi igualmente ou mais ganancioso e corrupto, ela foi queimada viva pela Inquisição (ALMEIDA, 2011, p. 51).

Notamos que o período em que Marguerite Porete viveu foi um momento um pouco conturbado, o desentendimento, por vezes, entre o poder eclesiástico e o poder civil em busca de soberania absoluta fez com que muitos conflitos surgissem. Em meio a esse contexto histórico estavam muitas mulheres que optaram por uma vida religiosa diferente da regular (oferecida pela Igreja Católica)³, as beguinhas, mulheres medievais que buscavam uma nova maneira de percepção do Divino. Comumente foram confundidas com monjas, porém, essas mulheres não faziam parte de nenhuma ordem regular, não tinham nenhum santo fundador ou mesmo uma hierarquia rígida, viviam do seu próprio trabalho: tecelagem, costura, bordado dentre muitas outras tarefas. Essas mulheres faziam promessa (e não voto) de pobreza, obediência e castidade, embora houvesse no meio delas viúvas e até mesmo mulheres casadas, que podiam passar o dia nas beguinagens (residência onde as beguinhas moravam) e à noite voltar para suas casas, podendo deixar

¹ Almeida está citando CANTÚ, Césaire. *História universal*. Vol. XVII. São Paulo: Américas, 1954, p. 7.

² Isso se deu quando em alguns casos os interesses entre eles não correspondiam, pois, noutros momentos onde tinham que defender interesses em comum eles faziam uso do poder que sua união poderia oferecer.

³ Que reservava para as mulheres ou a vida nos conventos ou obedecerem (também) aos ensinamentos da Igreja Católica fora deles (neste caso, sendo obedientes ao pai ou marido), sem maiores questionamentos sobre a natureza dos ensinamentos proferidos por ela (Igreja).

quando quisessem a promessa e o modo de vida de beguina. Sobre as beguinhas afirma De Libera:

Tratava-se fundamentalmente de um movimento de mulheres, e não simplesmente de um apêndice feminino de um movimento que devesse seu impulso, sua direção e seu principal sustento aos homens. Ele não tinha nenhuma regra de vida definida; não reivindicava a autoridade de nenhum santo fundador; não buscava nenhuma autorização da Santa Sé; não tinha nem organização nem constituição; não prometia nenhum benefício e não buscava patronos; seus votos eram uma declaração de intenção, não um comprometimento irreversível a uma disciplina imposta pela autoridade; e seus membros podiam continuar suas atividades normais no mundo (DE LIBERA, 1999, p. 293).

O movimento beguinal, como não estava ligado a nenhuma ordem religiosa, foi considerado um movimento leigo. Isso porque o intuito das beguinhas foi o de ensinar aos mais simples o caminho que se deveria percorrer até chegar a Deus, caminho esse que se opôs algumas vezes aos ensinamentos proferidos pela Igreja Católica⁴. Segundo Nogueira:

Assim, como a mesma força com que criticam alguns aspectos da religião cristã, elas expressam (sempre para o povo, pois não escrevem na língua oficial da Igreja) o seu amor por Deus, num discurso/texto que não permanece fechado apenas ao nível do intelecto, mas se abre por meio de uma experiência realmente vivida que para essas mulheres, amantes de Deus, significa mais do que pôr em prática uma certa teoria mística. A tarefa delas consiste, também, na divulgação desta experiência a todos que sejam capazes de vivê-la (NOGUEIRA, 2015, p. 16).

As beguinhas procuravam viver sua espiritualidade de forma intensa, por isso, o conhecimento oferecido pela Igreja não as satisfaziam, pois essa mediação não lhes oferecia uma relação direta com Deus⁵. Poderíamos questionar o porquê de uma experiência particular, a experiência mística⁶ de algumas mulheres, causaria

⁴ Um dos motivos que gerou conflitos entre a Igreja e as Beguinhas foi a ideia de não mediação que estas últimas pregavam, mediação essa que era essencial para relação entre Igreja e fiéis. As beguinhas acreditavam ser possível ter uma experiência com Deus de forma direta/sem intermediários.

⁵ Para Mariani: “Do ponto de vista da espiritualidade, eram adeptas do evangelismo, perspectiva que se constitui a partir da emergência dos movimentos mendicantes no seio da experiência religiosa cristã e implica a vontade de conhecer textos bíblicos na sua literalidade, a liberdade de pregação, o amor à pobreza, a contestação do mundo e a valorização do estilo de vida mais que a doutrina” (MARIANI, 2016, p. 133).

⁶ Antes de prosseguirmos falando sobre experiências místicas faz-se necessário comentar um pouco sobre o sentido desses termos. No caso das beguinhas e de Marguerite Porete (assim como de Mestre Eckhart) a experiência mística, ou seja, a experiência com o Divino/Deus poderia se dar, por exemplo, seja pela forma visionária ou especulativa, como é o caso aqui dos nossos dois místicos (não cabendo neste trabalho a explicação de todas as formas de experiências místicas dessas mulheres ou mesmo a intenção de unificar suas experiências), mas sempre sem mediações. Como

tanta insatisfação por parte das autoridades eclesiásticas e, é aí que surge a grande diferença entre as mulheres ligadas à igreja e as beguin⁷, estas últimas não estavam satisfeitas apenas ao conhecimento de Deus, principalmente àquele conhecimento ofertado pela igreja, mas buscavam o êxtase espiritual e, a partir da compreensão que esse lhes produzisse, poderiam pregar para as outras pessoas. Como bem expressa Gari e Wolff:

Mulheres que falam. A transgressão que representa este ato não reside propriamente no falar. As **vozes que sonham** no interior dos espaços privados, femininos, não são transgressoras em si mesmas. A transgressão está em serem ouvidas. É o falar em público o que irrompe como perversão no cenário da Baixa Idade Média. A quem falam? Falam nos conventos e nas beguinarias, nas praças e nas pontes, discutem e falam entre si. Porém, o forte impulso transgressor das vozes femininas no século XIII se encontra em que **falam para todos e em voz alta**. Certamente que a prática da mediação feminina, ou seja, a existência de um ensino feminino em círculos de mulheres é um fato importante, novo não tanto por sua existência como por transcender os limites do convento e propor-se tacitamente como paralelo ou substituto da mediação masculina. Porém, em geral, **a força de sua palavra** está em que esse magistério se propõe globalmente, em que essa **palavra de mulher** se faz portadora de uma autoridade pública, de **um carisma!** (GARI e WOLFF *apud* ALMEIDA, 2011, p. 11, grifo do autor)⁸.

Como os autores esclarecem, a transgressão maior não estava nem tanto no ato de falar, se essa fala estivesse restrita ao seu “lugar adequado” e para um “público adequado”⁹. A transgressão que estava incomodando às autoridades eclesiásticas foi o fato de algumas mulheres (as beguin⁷) estarem querendo assumir um lugar/papel que até então não fora destinada a elas (que estavam predestinadas apenas a duas opções de vida na sociedade: ou ao casamento ou à vida religiosa regular), o de uma pregação/falar sobre aquilo que conhecera (sobre

bem afirma Vannini: “ ‘Mística’ é uma palavra que provoca um certo medo e que suscita também alguma suspeita, na medida em que é entendida como algo de excepcional, de particular, de reservado, que, de modo misterioso, se comunica com aquele “sobrenatural” visto de alguma forma como algo de distante e diferente do “natural” (VANNINI, 2005, p. 11). Justamente por se tratar de algo que foge ao comum provocou certa desconfiança por parte da Igreja que não saberia lidar e controlar tamanha variedade de formas de apreensão do Divino (diferente daquela proposta por ela). Além do que o termo ‘mística’ em nossa época vem perdendo seu real significado, como afirma Lima Vaz: “Decaído de sua nobre significação original, acabou por designar uma espécie de fanatismo, com forte conteúdo passional e larga dose de irracionalidade” (LIMA VAZ, 2000, p. 9).

⁷ Vale lembrar que muitas mulheres ligadas à igreja também desenvolveram uma experiência mística e também escreveram sobre elas, como é o caso de Santa Teresa d’Ávila, em contraponto, encontra-se Marguerite Porete. A primeira recebeu o título de Doutora da Igreja e a última foi considerada herege e queimada, ela e seu livro, pela fogueira da inquisição.

⁸ Almeida está citando GARI e WOLFF. *Estudio introductorio a Margarida Porete, El espejo de las almas simples*. Barcelona: Icaria, 1995.

⁹ Neste caso, nos conventos e/ou ao grupo pequeno de outras mulheres, mas nunca ao público em geral e, muito menos, podendo substituir o falar/ensinar/pregação masculina.

Deus). Assim, um grupo de mulheres estavam optando por outro caminho e isso estaria causando um certo 'desequilíbrio' na sociedade. Para De Libera:

Havia aí um perigo que a Igreja logo reconheceu. Mas qual era sua natureza? Reunidas em torno dos conventos dos frades mendicantes que, num certo sentido, garantiam sua proteção, as beguinas provocavam a cólera dos padres, que perdiam suas paroquianas, dos pais, que perdiam suas filhas, e dos maridos potenciais, que perdiam a ocasião de casar – em 1273, Bruno, bispo de Olomouc, não via outra coisa a fazer senão denunciar uma liberdade que permitia às jovens escapar tanto à necessária obediência devida aos padres quanto à indispensável “coerção dos laços maritais”. Donde o remédio que ele sugeria ao papa: “Fazer delas esposas ou enviá-las a uma ordem aprovada” (DE LIBERA, 1999, p. 293-294).

O movimento das beguinas, de fato, trouxe muitas mudanças no modo de vida de algumas mulheres que tiveram coragem de transgredir as normas estabelecidas para elas de total obediência: de pais/maridos e/ou autoridades eclesiásticas. O fato dessas mulheres estarem optando por uma 'vida livre' das autoridades, como falamos acima, que detinham seu controle, para conhecerem e pregarem os ensinamentos das Sagradas Escrituras foi visto por alguns homens como algo um pouco impensável. É o caso do parecer de Gil de Roma na citação a seguir:

Devido à ausência de racionalidade, as mulheres se rendem às paixões mais facilmente que os homens [...] Não permito que as mulheres ensinem por quatro razões: a primeira é sua falta de inteligência, que têm em menor medida que os homens; a segunda é a submissão a que estão sujeitas; a terceira é o fato de que, se elas pregassem, sua aparência provocaria luxúria; e a quarta é por causa da lembrança da primeira mulher, que ensinou só uma vez e isso bastou para colocar o mundo de cabeça para baixo (GIL DE ROMA *apud* ALMEIDA, 2011, p. 55)¹⁰.

Para alguns, na Idade Média, as mulheres ainda carregavam o estigma do pecado que a primeira mulher cometera, além do que, poderiam pensar que elas não conseguiriam desenvolver os mesmos papéis (intelectualmente) que os homens, como eram o caso do estudo e, conseqüentemente, da pregação. Durante a Idade Média (e até hoje) a pregação foi considerada algo muito importante, talvez com o passar do tempo, além de instruir os pecadores ao verdadeiro caminho, a Deus, tenha sido visada, também, para controle que se

¹⁰ Almeida esta citando ROMA, Gil de, citado por REHERMANN, Carlos. *Cantos a la dama amor: mística y trovadoras de la Edad Media*. Disponível em: <<http://www.henciclopedia.org.uy/autores/Rehermann/Literaturafemenina.htm>>. Acesso em: 04/07/2006, p.1.

poderia ter da grande massa. Este papel era restrito a um pequeno grupo, pelo menos no que tange à formalidade da pregação. Segundo McGinn:

Na Igreja Medieval, pregar era prerrogativa dos sucessores ordenados dos apóstolos, ou seja, os bispos, e, com licença dos bispos, também os sacerdotes. Nenhum leigo tinha a qualificação funcional para pregar a Palavra de Deus, pelo menos se pregar for entendido no sentido formal do termo de proclamação da doutrina (MCGINN, 2017, p. 23-24).

A pregação era feita por pessoas específicas com ensinamentos específicos para cada grupo, para os ‘letrados’ convinham ‘saber tudo’, dominantes do latim, tinham acesso ao conhecimento, embora alguns deles não pudessem entendê-los, já que movidos por interesses particulares não conseguiam compreender o que verdadeiramente era certo e bom para si, guiavam como cegos outros homens. Aos ‘iletrados’ convinham saber apenas o que a obediência poderia favorecer aos pregadores e autoridades, em muitos casos¹¹. Assim, com o passar do tempo o ‘governo de/para Deus’ foi sendo cada vez mais ligado a interesses particulares. E é nesse período, na baixa Idade Média, entre o final do século XIII e início do século XIV, que viveram algumas mulheres que saíram ‘um pouco’ dos padrões estabelecidos pela sociedade da época, para elas, como já mencionamos anteriormente.

Vale a pena nos questionarmos um pouco mais sobre por qual motivo apenas um pequeno grupo específico poderia pregar. A pregação era realizada por homens, não era permitido que as mulheres pregassem¹², embora algumas mulheres tivessem a mesma instrução dada aos homens, como nos parece ser o caso de Marguerite Porete¹³. Outro ponto a ser observado é o fato de que ser homem não

¹¹ Em nota de rodapé 12 da página 18 Bernard McGinn esclarece: “Geralmente falando, em toda a Idade Média, *litteratus* era alguém capaz de ler latim. Por isso, todos os que só podiam ler o vernáculo permaneciam *illiterati*” (MCGINN, 2017, p. 18). E esse fato comprometia a compreensão das Sagradas Escrituras, pois esses textos estavam escritos em latim, dependendo os iletrados da pregação dos letrados e o que estes queriam lhes ensinar.

¹² É interessante ressaltar aqui, mais uma vez, que não era porque o indivíduo era do sexo masculino que ele tinha autorização para a pregação num sentido mais formal, essa ação era destinada só para alguns e sobre supervisão. No caso das mulheres a pregação formal era totalmente inviável, embora McGinn traga para reflexão um outro tipo de autorização (que não é a da instituição) que dá direito da pregação feminina. Segundo McGinn: “Não havia nenhum modo aprovado institucionalmente pelo qual a mulher podia ganhar autorização para ensinar de um modo oficial, mas diante da crença cristã de que o Espírito Santo é a verdadeira fonte de toda verdade divina, as mulheres não podiam ser totalmente excluídas de todas as formas de ensino” (MCGINN, 2017, p. 43).

¹³ Alguns indícios nos levam a pensar que Marguerite Porete teve uma boa formação. Segundo Mariani: “Supõe-se que tenha recebido uma formação sólida, a dos *litterati*, que correspondia à formação dos clérigos. Marie Bertho, num trabalho em que procura fazer uma reconstrução do

‘autoriza’ uma pessoa a pregar e, sobretudo, o que bem quiser. A pregação deveria ser feita por homens ligados e autorizados pela Igreja (Instituição) a pregar um determinado conhecimento preestabelecido.

Por isso mesmo o movimento das beguinhas estava à margem da sociedade e, por não seguirem nenhuma ordem religiosa regular, sofreu perseguições por parte da Igreja. Foi, por exemplo, reprovado pelo Concílio de Viena (1311)¹⁴, tanto as beguinhas quanto os begardos¹⁵ em dois decretos. No primeiro decreto as beguinhas são reprovadas por usarem hábito, mesmo não fazendo parte de uma vida religiosa regular, o outro motivo é que elas se deixaram levar por especulações loucas sobre a trindade, sobre a essência divina, dentre outros dogmas da Igreja.

No segundo decreto, que abrange também a versão masculina do movimento (os begardos), o Concílio de Viena aponta oito erros:

1. O homem pode na vida presente adquirir tal grau de perfeição que se torne absolutamente impecável e nem mais possa progredir ainda na graça. Do contrário, dizem, se alguém pudesse sempre progredir, poder-se-ia encontrar um mais perfeito que Cristo.
2. Conseguindo tal grau de perfeição o homem não tem mais necessidade nem de jejuar, nem de rezar, pois agora os sentidos estão sujeitos tão perfeitamente ao espírito e à razão que o homem pode conceder livremente ao corpo aquilo que lhe agrada.
3. Aqueles que se encontram neste grau de perfeição e neste espírito de liberdade não são sujeitos a nenhuma autoridade humana, nem obrigados a algum preceito da Igreja, porque, como afirmam, “onde há o espírito do Senhor, há a liberdade” [2Cor 3,17].
4. O homem pode receber na vida presente a beatitude definitiva segundo todos os graus de perfeição, como a obterá na vida bem-aventurada.
5. Cada natureza intelectual é bem-aventurada naturalmente em si mesma, e para ver Deus e para gozá-lo na beatitude da alma não tem necessidade da lua da glória que a eleva.
6. Exercitar-se na virtude é próprio do homem imperfeito, e a alma perfeita não tem necessidade disto.
7. Beijar uma mulher é pecado mortal, já que a natureza não inclina para isso, mas o ato carnal, já que a isso a natureza se inclina, não é pecado, especialmente quando quem o exerce é tentado.
8. À elevação do corpo de Cristo, não deve levantar-se nem mostrar alguma reverência, pois afirmam que isso seria para eles sinal de imperfeição, se descessem da pureza e da altura da sua contemplação a ponto de meditar

ambiente religioso e universo mental da obra de Marguerite, formulou a hipótese de que Marguerite poderia ter sido uma copista profissional, o que explicaria a existência de vários exemplares de sua obra, cuja produção seria inviável para alguém que não dispusesse de boa renda e também da sua erudição” (MARIANI, 2016, p. 134).

¹⁴ Na verdade, o movimento beguinal já trazia desde cedo certa desconfiança por parte das autoridades eclesiásticas, sendo já discutido e reprovado no Concílio de Lyon de 1274, posteriormente condenados pelo Concílio de Colônia (1306) e pelo Concílio de Viena (França – 1311-1312).

¹⁵ ‘Begardos’ era o nome dado aos homens que seguiam o mesmo modo de vida das beguinhas, conhecido como a parte masculina do movimento, do qual não falaremos nesse texto.

sobre o mistério ou o sacramento da Eucaristia ou sobre a paixão da humanidade de Cristo.

[Censura:] Nós, com o consenso do santo Concílio, condenamos e reprovamos totalmente esta seita com os seus erros, proibindo severamente que no futuro alguém possa sustentá-los, aprová-los ou defendê-los¹⁶ (DENZINGER apud MARIANI, 2012, p. 80-82)¹⁷.

Diferentemente da Igreja oficial, o movimento das beguinhas não pregavam regras e ritos para conhecer e ter uma experiência com Deus, ao contrário, afastavam-se de toda e qualquer mediação que por ventura pudessem afastá-las de Deus. Assim, observamos no decorrer do nosso texto que o panorama político em que as mulheres estavam inseridas, no nosso caso, as beguinhas e Marguerite Porete, era de uma Idade Média tomada pelo fervor religioso, seja ele da religião oficial (Católica) ou, como vimos, por outras tantas formas de espiritualidade e compreensão do Divino.

Com a falta de ‘pastor’ as pessoas foram buscando alternativas para buscar alimentar seu interior, como já falamos, algumas buscaram a compreensão de Deus de forma independente da Igreja Católica. Nesse sentido, apresentamos o movimento das beguinhas, que foi reprovado pela Igreja, pois via sua ‘independência’ de pensamento como algo a ser corrigido, assim como foi feito com Marguerite Porete e seu livro/pensamento, servindo como exemplo para os demais possíveis ‘desviantes’ da fé, seu processo inquisitório e morte na fogueira da inquisição.

Diferentemente do que muitos pensam, no medievo houve sim pensamento e escrita feminina¹⁸, o que não houve, por parte de alguns, foi o incentivo e a propagação do seu ensino e escrita. Seja por motivos de ‘ordem social’, pois incentivar as mulheres a terem os mesmos papéis dos homens na sociedade era perder o seu ‘domínio’/controle, ou mesmo por acreditar que elas não seriam aptas para isso, como vimos anteriormente. Talvez seja essa a grande transgressão das beguinhas e de Marguerite Porete, assumirem uma postura de liberdade diante de um

¹⁶ Essas teses do Concílio de Viena, afirmam os autores, certamente têm como referência a obra *Le Miroir des simples âmes*, de Marguerite Porete, julgada e condenada pela Inquisição em processo que se estendeu ao longo de um ano, entre março de 1309 e abril de 1310 (MARIANI, 2012, p. 82).

¹⁷ Mariani está citando DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2007. nn. 891-899, p. 308-309.

¹⁸ Sobre a escrita das mulheres no medievo afirma McGinn: “Nada é mais surpreendente a respeito da nova mística que começa por volta de 1200 do que a importante função que as mulheres assumem, em termos de narrativas hagiográficas e de textos produzidos pelas próprias mulheres. Sem negar que houve mulheres importantes, e até mulheres escritoras no cristianismo desde os primeiros anos, é justo dizer que a grande época da teologia das mulheres começa em 1200” (MCGINN, 2017, p. 34). Além desta afirmativa o autor ainda traz nesse mesmo texto e página, nota de rodapé 68, tantos outros estudos sobre o papel das mulheres no cristianismo.

medieval que considerava as mulheres como num estado abaixo (além do que deveriam ser submissas) dos homens. No entanto, pelos seus escritos, elas mostraram que são tão aptas quanto os homens a fazerem qualquer coisa, inclusive conhecerem e pregarem sobre Deus.

Nesse sentido, pudemos conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico em que Marguerite Porete viveu, destacando alguns elementos políticos e religiosos desse período. Apresentando como foi a relação desses dois poderes entre si e com um crescente número de movimentos, nesse texto em especial falamos das beguinhas, que buscavam a compreensão do divino por outro caminho que não aquele oferecido pela Igreja oficial, como foi visto e mesmo ‘resolvido’ por ela. Situando o leitor no contexto histórico de nossa pensadora e apresentando algumas implicações que pensamentos semelhantes ao dela causaram na sociedade. Passaremos a partir de agora a nos deter a conhecer mais de sua vida e motivos/possíveis motivos que a levaram a ser considerada herege e ser queimada na fogueira da Inquisição.

1.2 Marguerite Porete: vida e processo inquisitório

Marguerite Porete, também conhecida como Marguerite de Hainaut, Condado em que nasceu, na cidade de Valenciennes, na França, escreveu seu único livro¹⁹, pelo menos o único que chegou até nós, por volta de 1290²⁰. *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor*, obra que durante muito tempo foi atribuída a uma beata húngara dominicana, foi restituída à sua verdadeira autora após pesquisas realizadas por Romana Guarnieri em 1944. A estudiosa conseguiu identificar a verdadeira autora do livro depois de analisar algumas sentenças que foram condenadas como heréticas pelos

¹⁹ Segundo Raoul Vaneigem, Marguerite Porete teria escrito um outro livro antes do *Espelho das Almas Simples*. “Um de seus primeiros trabalhos, “*O Ser do fino amor*”, foi queimado na sua presença na praça principal de Valenciennes nos últimos anos do século XIII. Guy II de Colmieu, bispo de Cambrai 1296-1306, que tinha ordenado a destruição do texto, proibiu Marguerite de divulgar outros livros e ensinamentos, sob pena de ser considerado uma herege e apóstata e assim ser entregue à justiça secular” (VANEIGEM *apud* PONTES, 2016, p. 21). No entanto, esse primeiro livro não conseguiu sobreviver, Porete teria, então, se dedicado a escrever e divulgar *O Espelho* com mais dedicação. Pontes está citando VANEIGEM, Raoul. *The Resistance to Christianity*. The Heresies at the Origins of the 18th Century. Artheme Fayard, 1993.

²⁰ São escassas as informações que temos sobre a vida de Marguerite, o pouco que se conhece dela vem dos autos do processo inquisitório que a levou a morte em 1310. O modo como vivia em muito se assemelhava aos das beguinhas, já que levava uma vida de mendicância e errância (SCHWARTZ, 2005, p. 30).

inquisidores e compará-las com algumas sentenças de *O Espelho*²¹, tornando pública a descoberta em um artigo publicado no *L'Osservatore Romano* de 16 de junho de 1946.

Podemos dizer que *O Espelho* é um livro de instrução espiritual que mostra o caminho para uma experiência mística com Deus, na verdade, ao que muito parece relata o processo da experiência mística da própria autora, que aparece no decorrer de seu livro através do personagem 'Alma' afirmando que só através do aniquilamento²² é que se poderia ter uma experiência mística com Deus. Pelo modo como escreve é possível que Marguerite tenha pertencido à alta sociedade, já que somente as mulheres dessa classe tinham acesso à educação, pois percebemos um grande conhecimento teológico e literário em sua obra. Para Mariani:

Marguerite teria sido também uma mulher erudita, já que crônicas da época se referem a ela como beguina clériga. Seria possuidora de uma cultura para além da educação comum oferecida às mulheres laicas. Como clériga, teria sido cultivada na "ruminacio" das Escrituras e na "lectio" das obras teológicas (MARIANI, 2008, p. 40).

Seu livro é apresentado em prosa e em verso, e logo no início expõe um romance de amor cortês, que nos mostra tanto como Marguerite foi influenciada por sua época quanto foi familiar a esta literatura. Misturando os gêneros épico, cortês, alegórico, sua escrita é ora em verso e ora em prosa. Para explicar como se daria o processo para o aniquilamento, caminho que ela expõe no decorrer de seu livro, Porete desenvolve seu livro através de diálogos entre personagens, os principais são: Alma, Amor (Deus) e Razão, que discutem sobre o caminho para união mística com Deus²³.

²¹ Usaremos essa forma abreviada '*O Espelho*' quando nos referirmos ao *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor* de Marguerite Porete.

²² Momento em que a Alma deixa as coisas exteriores e interiores (sua vontade) para o encontro com Deus. Veremos mais adiante que a autora sugere estágios/estados/graus para se chegar a essa união.

²³ Outros personagens também aparecem nessa conversa entre alma (que nos parece ser a autora falando) Amor (que representa Deus) e a Razão (que caracteriza a limitação de querer compreender o divino a partir de modos racionais). São eles, por exemplo, Entendimento da razão, Fé, Verdade, Tentação entre outros que só aparecem uma vez. Além da Santa Igreja a pequena (representada pela instituição) e Santa Igreja a grande (representada pelas almas aniquiladas). Todos esses personagens, dentre outros, aparecem na conversa entre os personagens principais (alma, amor e razão) sobre o caminho (processo de aniquilamento do eu/vontade) para se chegar a uma união mística (encontro) com Deus/Amor.

Para a autora, Santa Igreja (a pequena) deveria deixar ser instruída pela Santa Igreja (a grande), vale destacar que a ‘Igreja pequena’ é a Instituição, enquanto, a ‘Igreja grande’ é composta pelas almas aniquiladas. Acrescenta ainda, que as almas que buscam o caminho do aniquilamento devem deixar de lado as mediações, inclusive a mediação feita pela Igreja (Instituição). Esse é um dos pontos que fizeram com que muitas autoridades eclesásticas não enxergassem com bons olhos a obra de Marguerite. Afirma McGinn:

A oposição maior deles à sua doutrina parece ter se centrado no receio de que ela defendesse uma liberdade antinômica das virtudes e da lei moral, como também uma forma de “quietismo”, ou indiferença para com os meios de salvação intermediados pela Igreja (MCGINN, 2017, p. 364).

Só as almas, que deixam de lado as mediações, conseguirão ter o que tanto querem: a união mística com Amor/Deus e, por isso, podem ensinar as outras o caminho para essa união. Nesse sentido, percebemos que a crítica que Marguerite faz à questão da mediação, feita pela Igreja Católica, já é um dos grandes motivos para que seus discursos e, conseqüentemente seu livro, não sejam bem vistos por parte das autoridades eclesásticas. Além do que, o caminho que ela sugere, o caminho para o aniquilamento como meio para a união com Deus, deixa de lado as mediações e, sobretudo, alguns preceitos fundamentais estabelecidos pela Igreja. Como afirma McGinn, 2017, p. 363 “Se o questionar, e até subverter, estereótipos religiosos está entre as tarefas dos místicos, poucos foram tão ambigüamente bem-sucedidos como Marguerite Porete”. Talvez tenha sido por isso que seu julgamento e ‘erros’ tenha servido como exemplo para os demais ‘transgressores’. Como vimos anteriormente, os oito erros apontados pelo Concílio de Viena tiveram como referência a obra de Marguerite Porete. Esses oito erros:

Vão referir-se à ousadia de professar que o homem pode chegar à perfeição de Cristo, ao estado de “impecabilidade”, estado em que não se necessita de jejum ou oração, não se teme a fraqueza da sensualidade, não se deve mais obediência à autoridade humana, nem a Igreja. Enumera também, como erro, a crença numa beatitude final acessível à natureza humana intelectual ainda neste mundo, a ideia de que para esses perfeitos não existe mais necessidade de lutar para adquirir as virtudes, e que a Eucaristia não requer mais a reverência (essa reverência para eles, afirma o Concílio, faz decair do estado de contemplação já alcançado) (MARIANI, 2012, p. 80).

Além de afirmar que o homem/alma não necessita de mediação/Igreja para conhecer a Deus/Amor, nossa autora em seu livro vai além dessas afirmações. O *Espelho das almas simples* traz como proposta que o homem/alma vá deixando sua natureza pecaminosa para assumir a natureza Divina, desse modo, talvez para a leitura da Santa Igreja, a pequena (representado pela Instituição), as afirmações de Marguerite soem heréticas, pois não conseguem enxergar muita coisa além de normas e ritos criados pelos homens.

Falar que o homem pode ter uma experiência com Deus a ponto de se transformar Nele nada mais é para Marguerite que voltar a ser aquilo que era antes de ser, ou seja, uno com Deus. Para isso tem-se um processo de aniquilamento, de deixar de lado o eu para, a cada estado, assumir sua natureza celeste, então, é necessário que o homem, nesse processo, vá deixando de lado as coisas do mundo: o pecado, a natureza (as virtudes) e a vontade. Quando Marguerite fala de um estado de perfeição e que não precisa mais de nada do mundo, não quer dizer que ela está alheia ao mundo, mas que o mundo não pode mais roubá-la de Deus. Pois, apesar de viver no mundo, as coisas do mundo não podem mais influenciá-la.

Por essas e outras polêmicas envolvendo seu livro é que Marguerite sofre seu primeiro processo diocesano, entre 1290 e 1306, pelo bispo de Cambrai, Guy de Colmieu²⁴. Uma vez condenado o livro, era vedado a Marguerite toda e qualquer forma de sua divulgação e das ideias contidas nele. Veremos mais adiante que ela não seguiu essas instruções e o que isso lhe causou. Nossa pensadora além de continuar divulgando, o livro e suas ideias, ainda mandou cópias para três autoridades teológicas, foram eles: Goffredo da Fontaines (Faculdade Teológica da Sorbonne), Franco (um cisterciense da famosa abadia brabantina de Villers) e John di Querayn (um franciscano inglês), todos o aprovaram, fazendo algumas ressalvas. São elas:

²⁴ Veremos no decorrer do nosso texto que Marguerite Porete fora queimada, ela e seu livro, na fogueira da Inquisição, por defender e propagar ideias que se opunham aos dogmas da Igreja Católica, mas antes da condenação final ela já tinha sido advertida a não mais pregar e divulgar suas ideias/livro. Afirma Mariani: “Antes do processo oficial, o livro já havia sido condenado por Guy de Colmieu, bispo de Cambrai que, em 1306, fez queimar o livro em praça pública na cidade de Valenciennes em presença de sua autora e proibiu, sob pena de excomunhão, que ela difundisse ou pregasse suas ideias” (MARIANI, 2016, p. 134). Vimos em uma nota anterior que talvez o livro que fora primeiramente proibido à divulgação, tanto do livro com das ideias contidas nele, não era intitulado de *O Espelho das almas simples*, mas que assim como o outro (*O Ser do fino amor*) continha as mesmas ideias de *O Espelho*, acrescentando uma crítica maior a Igreja (Instituição), além de ser enviado para três clérigos e Marguerite ter feito várias cópias, para que esse ‘último’ livro conseguisse sobreviver, como afirma PONTES, 2016, p. 21 e 22.

Esse Frei [João] disse que este livro foi feito pelo Espírito Santo e que se todos os clérigos do mundo o ouvissem e pudessem compreendê-lo, não saberiam em nada contradizê-lo. E rogou que, em nome de Deus, ele estivesse bem guardado e que poucos o vissem. E disse que era tão elevado que mesmo ele não podia compreendê-lo. Depois, o viu e leu um monge cisterciense chamado Dom Franco, da Abadia de Villers. Ele disse que assegurava, por meio das Escrituras, ser verdade tudo o que este livro diz. Depois o leu um certo mestre em Teologia chamado Godfrey de Fontaines. [...] Aconselhou que não muitos o vissem, porque, como ele disse, poderiam colocar de lado a vida para a qual foram chamados, aspirando essa outra à qual nunca chegarão (PORETE, 2008, p. 230).

Por não obedecer às orientações recomendadas, em relação ao seu pensamento/livro, é aberto um novo processo contra Marguerite, agora, pelo novo bispo de Cambrai, Philip de Marigny, que a conduziu a Paris. Sob custódia do inquisidor Guglielmo Humbert de Paris, Marguerite passa cerca de um ano e meio presa, das vezes que foi questionada sobre uma possível retratação, ela preferiu ficar calada a negar suas ideias. Guglielmo Humbert, seu inquisidor, em 1309 encaminha a obra de Marguerite Porete para um grupo de conselheiros que apontam no seu livro quinze proposições problemáticas, que são levadas a um grupo de 21 teólogos, das ordens mendicantes, canonistas e bispos, que também desaprovam as proposições tiradas de *O Espelho*. Segundo Verdeyen:

Dos quinze artigos suspeitos só se tem conhecimento do primeiro e do décimo quinto, que foram citados no processo verbal que relata a condenação do livro. São eles: “o primeiro é o seguinte: ‘Que a alma aniquilada dá licença às virtudes não está na servidão delas, porque não as tem quanto ao uso, mas as virtudes a obedecem a um sinal’. Igualmente o décimo quinto artigo é: ‘Que tal alma não cuida das consolações de Deus nem de seus dons, porque ela é toda voltada para Deus, e assim estaria impedida sua intenção para Deus’” (VERDEYEN apud MARIANI, 2012, p. 83)²⁵.

Em 31 de maio de 1310, em um domingo de Pentecostes, uma comissão de canonistas-regentes declara Marguerite Porete herege e relapsa²⁶ entregando-a ao

²⁵ Mariani esta citando VERDEYEN, Paul. *Le procès d'inquisition contre Marguerite Porete et Guiard de Cressonessart* (1309-1310). *Revue d'histoire ecclésiastique* 81 (1986), p. 45-94.

²⁶ Conclui-se, assim, que Marguerite foi: herética, recidiva, relapsa e impenitente. Herética porque proferia uma doutrina diferente daquela pregada pela igreja. Recidiva, pois reincidia/recaia na heresia. Relapsa porque, apesar de ser avisada de sua heresia, sendo ordenada, portanto, a não praticar sua fé, insistia na heresia. E impenitente quando não considerada culpada, não se arrependendo e nem renunciando suas crenças publicamente como era recomendado (MCGINN, 2017, p. 364 e ALMEIDA, 2011, p. 191 e 194).

braço secular, que executa a sentença de morte²⁷. Em 1 de junho de 1310, em uma sessão pública e solene, Marguerite Porete é queimada na fogueira na Praça de Grève em Paris e, junto com ela seu livro: *O Espelho das almas simples*. Seu inquisidor ainda adverte que todos que tivessem seu livro deveriam entregá-los às autoridades competentes, no prazo de um mês, sob pena de serem excomungados quem infringissem essa ordem. A seguir o julgamento de Marguerite Porete:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, amém!

Sabe-se muito bem e tem ficado muito claro para nós, através de uma esclarecedora argumentação, William de Paris, dominicano e inquisidor da depravação herética pela autoridade apostólica, que tu, Margarida de Hainaut, chamada a Porete, és fortemente suspeita de mancha de depravação herética.

Por causa dessa suspeita, nós ordenamos que fosses intimada a comparecer diante de nós para seres julgada. Compareceste a esse inquérito judicial e foste, pessoalmente, ordenada por nós, canonicamente e legalmente, em várias ocasiões para declarar, sob juramento, a completa, pura e plena verdade sobre o que tu e outras falaram a respeito daquelas coisas que se sabem caíram sob a jurisdição do ofício do inquisidor (que me foi confiado). Mas recusa-te a fazer o juramento. Embora tenhas sido questionada por nós muitas vezes e em muitos locais sobre esse assunto, sempre permaneceste contumaz e rebelde quanto a essas questões; por causa de tua notória contumácia e rebeldia é que, com a orientação oferecida por muitos homens sábios, pronunciamos uma sentença de extrema excomunhão tanto para ti, como uma pessoa rebelde e obstinada, quanto para teus escritos. Embora essa sentença tenha sido te dada a conhecer, endureceste sua alma pertinazmente por quase um ano e meio depois que foste notificada e persistisse nesse estado, apesar do fato que nós frequentemente te oferecemos o sacramento da absolvição, que te seria concedido de acordo com a prática eclesiástica, tão logo humildemente o solicitaste. Até agora, contudo, tu tens desdenhado a oportunidade de pedir absolvição e até agora não desejaste nem abjurar nem nos responder acerca dessas questões. Por conta de tua recusa a fazer essas coisas e de acordo com os santos cânones, nós te declaramos uma herética convicta e confessa. Além disso, enquanto tu, Margarida, permaneceres obstinada nestas rebeldias, nós, desejando ser guiados pela sabedoria, começamos a exercer contra ti a inquisição requerida pela autoridade que nos foi confiada. Portanto, nós abrimos um caso na questão referente aos assuntos já mencionados, tal como a ordem de vida requer. Esta inquisição e audiência deixaram bem claro para nós que escreveste um livro pernicioso contendo heresias e erros. Por causa desses erros, esse livro foi condenado pelo renomado Guy, recente bispo de Cambrai, e foi, por ordem dele, publicamente e inequivocamente queimado na tua presença. O mesmo bispo te proibiu expressamente, sob pena de excomunhão, escrever de novo, possuir ou fazer uso de tal livro (ou outro semelhante). O senhor bispo Guy expressamente acrescentou e colocou seu selo na seguinte ordem: se usasses outra vez aquele livro, ou enfocasses as questões contidas nele, tanto por escrito ou oralmente, serias condenada como uma herética e deverias ser entregue à justiça secular para seres julgada. Depois disso, mantiveste e fizeste uso da matéria contida nele em oposição à

²⁷ McGinn 2017, p. 365, levanta a questão de além do estranho medo que as mulheres medievais causavam por seguir caminhos diferentes pensados para elas (beguinhas), o julgamento de Marguerite Porete poderia ter tido uma dimensão política, no que se refere à tensão entre Filipe IV da França e o papado.

proibição do bispo, o que ficou bem claro pelas investigações do inquisidor de Lotaringia e perante o reverendíssimo pai e senhor, João, então bispo de Cambrai e agora arcebispo de Sens. Além disso, enviaste o mesmo livro, sem mencionares que já tinha sido condenado e sem removerdes as partes condenadas, como se fosse bom e lícito, ao reverendo pai senhor João, bispo de Chalons, e às outras pessoas; tais ações ficaram claríssimas para nós por testemunhas que juraram em nossa presença. Consideramos cuidadosamente todas as questões acima mencionadas e nos aconselhamos com vários peritos em relação à verdade dos dois lados [da questão]. Finalmente, tendo em mente Deus e os Santos Evangelhos, e com o conselho e aprovação do reverendo pai e senhor Lord G., pela graça de Deus, bispo de Paris, nós te condenamos, Margarida, não apenas como uma herética, mas também como uma herética relapsa, e nós te abandonamos à justiça secular, pedindo que ela aja com misericórdia para contigo, tanto quanto as sanções canônicas permitirem, exceto a morte e a mutilação do corpo. Sendo que teu livro herético e errôneo contém heresia e erros, segundo julgamento e decisão dos mestres em teologia docentes em Paris, nós finalmente te condenamos e desejamos que sejas excomungada e queimada e ordenamos – individualmente e como grupo – que todos aqueles no distrito que possuem tal livro, sob pena de excomunhão, que o entreguem sem fraude a nós ou ao prior dos dominicanos de Paris, nosso agente, antes do próximo festival dos apóstolos Pedro e Paulo. (ALMEIDA, 2011, p. 197-198).

Mesmo com toda essa repercussão em torno do livro de Marguerite Porete: *O Espelho*, ele conseguiu ‘sobreviver’ e ultrapassou os limites da França. Vários exemplares foram salvos e os ensinamentos de Porete puderam ser repassados para muitas almas em muitos lugares até hoje. Talvez o fato das autoridades condenarem com tanta severidade o livro e sua autora, só tenha instigado ainda mais a curiosidade das pessoas sobre o conteúdo do livro. O que poderia ter/ser ensinado em um livro, escrito por uma mulher, que a Igreja não permitia sua divulgação? Esse deve ter sido um questionamento que muitos fizeram, ainda na Idade Média e, muitos devem ter lido a obra só para descobrir, no final das contas, a Igreja, que pretendia evitar a leitura do livro, ajudou, mesmo que sem intenção, em sua divulgação.

Nesse sentido, seja pelo motivo de servir como exemplo para outros ‘desviantes’ da doutrina da Igreja, além, é claro, sobretudo, do conteúdo de seu livro e por insistir em continuar divulgando e pregando-o, é que Marguerite Porete foi levada à julgamento e condenação máxima, de morte na fogueira. Por tamanha repercussão que sua morte causara, a curiosidade sobre o conteúdo do seu livro evitou que ele fosse destruído de vez, como mandara as autoridades da época, fazendo com que ele/livro e, de certa forma sua autora, através de seu pensamento, continuassem ‘vivos’. E é sobre o conteúdo de seu livro que discutiremos a seguir,

apontando o caminho para o aniquilamento (despojamento de si) para que assim as almas possam encontrar-se (através da união mística) com seu amado (Deus).

1.3 O aniquilamento como caminho para união com Amor

O *Espelho das almas simples* é apresentado aos leitores como uma alegoria mística²⁸ que mostra o caminho percorrido pela ‘Alma’ até chegar a seu ‘Amor/Deus’. Neste processo, que a autora chama de caminho do aniquilamento, a alma vai passando por diferentes perdas e, quando aniquilada, pode unir-se a Deus. Logo no início do livro a autora adverte à razão através de versos que ali não é ambiente para ela, pois para compreender o conteúdo do livro é necessário que deixe de lado as formas racionais que comumente algumas pessoas (alguns teólogos e outros clérigos, afirma a autora) utilizam para compreender Deus. Segundo Marguerite:

Teólogos e outros clérigos,/Aqui não tereis o entendimento/ Ainda que tenhais as idéias claras/ Se não procederdes humildemente;/ E que Amor e Fé conjuntamente/ Vos façam suplantar a Razão,/ Pois são as damas da mansão. [...] Tornai humildes as vossas ciências/ Que estão na Razão asseguradas,/ E colocai sobretudo a confiança/ Naquelas que o Amor vos pode dar/ E que a Fé sabe iluminar,/ E assim compreendereis este livro/ Que por Amor faz a alma viver (PORETE, 2008, p. 5).

Já de início a autora deixa claro que o caminho sugerido por ela, do aniquilamento, vai contra alguns pensamentos da época que acreditam que poderia se ter uma experiência/conhecer Deus a partir de formas racionais e, às vezes, meramente mecânicas de se perceber o Divino. Marguerite acrescenta que não é só necessário deixar de lado a razão, também é importante não ser levado por qualquer forma de mediação que por ventura afirmasse levar os homens/almas a Deus. Segundo Porete:

Ela não deseja nada que venha por um intermediário. Esse é o estado próprio dos Serafins: não há nenhum intermediário entre o seu amor e o

²⁸ Como já falamos anteriormente, Marguerite apresenta-se em muitas passagens como a personagem Alma, sugerindo assim o relato de sua experiência mística/seu encontro com Deus. Como o ato de relatar/falar sobre sua união com Amor transcende toda linguagem, sendo, portanto, limitada, a autora usa de alegoria para que sua linguagem possa abranger mais que o significado literal do que esta falando/relatando. Segundo Amy Hollywood: “A Alma é um dos interlocutores e também o cenário de drama no sentido de que a transformação da consciência, que é o tema do livro, está acontecendo dentro dela” (HOLLYWOOD *apud* MCGINN, 2017, p. 368). McGinn esta citando HOLLYWOOD, Amy. *The Soul as Virgin Wife: Mechthild of Magdeburg, Marguerite Porete and Meister Eckhart*. Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 1995, p. 95.

amor divino. Eles recebem sempre sua mensagem sem mediação e o mesmo ocorre com essa alma, pois ela não busca a ciência divina entre os mestres deste século, mas ao verdadeiro desprezar o mundo e a si mesma. Ó, Deus! Quão grande é a diferença entre a dádiva que o bem-amado dá à bem-amada por meio de um intermediário, e a que é dada sem intermediário! (PORETE, 2008, p. 36).

Para nossa pensadora, não se pode pensar em relação/experiência com Amor/Deus em um ambiente em que haja qualquer tipo de mediação, pois enquanto houver algo (seja exterior ou interior) entre a alma e Deus não se pode pensar/existir a união entre eles. Para tanto, como falamos, é necessário deixar de lado tanto as mediações externas²⁹ como as internas³⁰ e nesse processo a alma passará por seis estados e três mortes místicas. No capítulo 118 de seu livro Marguerite dá uma compreensão geral de como seriam esses estados que a alma deveria passar para ter sua união com Amor. Segundo Amor:

Eu disse, diz Amor, que há sete estados, cada um com maior entendimento em relação ao anterior e sem comparação um com o outro. Pois assim como não se pode comparar uma gota d'água ao oceano, que é tão vasto, da mesma forma se pode falar da diferença entre o primeiro estado de graça e o segundo e assim por diante, sem comparação entre eles. Ainda assim, dos quatro primeiros estágios nenhum é tão elevado que a Alma não viva nele em grande servidão. Mas o quinto estágio está na liberdade da caridade, pois é liberdade de todas as coisas. E o sexto estágio é glorioso, pois a abertura do doce movimento da glória, que o gentil Longeperto dá, não é senão uma manifestação que Deus quer que a Alma tenha de sua própria glória, que ela terá para sempre. Pois, por sua bondade, lhe dá essa demonstração do sétimo estado no sexto. Essa demonstração nasce do sétimo estado, que produz o sexto. E é dada tão rapidamente, que mesmo quem a recebe não tem percepção do dom que lhe é dado (PORETE, 2008, p. 115).

Apresentaremos, a partir daqui, um pouco mais detalhado cada estado. A primeira morte corresponde à morte do pecado, referente ao primeiro estado, nesse momento a alma cumpre as leis ordenadas por Deus, o mandamento principal é de que o amemos, e amemos ao próximo como a si mesmo. Para Porete:

A primeira é a morte do pecado, assim como haveis ouvido, na qual a Alma deve morrer inteiramente de tal maneira que não permaneça nela nem cor, nem sabor, nem odor de coisa alguma do que Deus proíbe na Lei. Os que assim morrem são as pessoas que vivem a vida de graça, e lhes basta que

²⁹ Para Marguerite a Igreja Católica (enquanto Instituição) seria uma mediação externa e, como qualquer outra, deveria ser deixada de lado, fato esse que não agradou as autoridades eclesiais.

³⁰ A 'Vontade' é o grande empecilho para a união mística de Deus e alma, por isso, é necessário deixá-la de lado.

se guardem de fazer o que Deus proíbe, e que possam fazer o que Deus ordena (PORETE, 2008, p. 113).

Sobre o primeiro estado para o aniquilamento podemos compreender que não é que seria ‘errado/negativo’ cumprir a lei³¹, mas acreditar que estaria fazendo algo de extraordinário a ponto do coração/alma ficar soberbo e orgulhoso por cumprir ordens, tal pensamento não permitirá que a alma passe para os graus/estados mais elevados que esse. Neste estado e primeira morte, para Bernard McGinn: “A Alma Libertada lembra-se de estar nessa etapa, mas descreve seus praticantes como covardes e indolentes” (MCGINN, 2017, p. 382). Isto porque, neste momento, a alma tem consciência que esta fazendo o menor dos esforços no caminho de encontro com seu amado/Deus.

No segundo estado acontece a morte da natureza ou do espírito, nesse momento a alma segue os conselhos que Deus dá a seus amados especiais, procurando imitar a Cristo, deixando de lado as riquezas e as honras e, assim como Cristo, não teme nenhum mal que por ventura pudesse lhe ocorrer, essa alma também não precisaria temer, pois Deus estaria com ela. Como afirma Porete:

A Alma considera o que Deus aconselha a seus amados especiais e que vai mais além do que aquilo que ordena. [...] A criatura se abandona e se esforça por agir sob todos os conselhos dos homens, na obra de mortificação da natureza, desprezando as riquezas, as delícias e as honras, para realizar a perfeição do conselho do Evangelho, do qual Cristo é o exemplo (PORETE, 2008, p. 189).

Não mais pelo jugo da lei que o primeiro estado lhes trazia, mas pelo amor de Deus que dera a essa alma como exemplo Cristo, essa alma busca agradar a Deus através de obras exteriores, de caridade. Nesse momento a alma busca além de servir ao próximo como caminho de mortificação do espírito, o abandono aos bens materiais, honras e prazeres, parece para essa alma ser isso, a solução para uma vida mais próxima de Deus. Contudo, veremos mais adiante, que multiplicar as obras de caridade (no terceiro estado) não mortifica o eu (vontade), mas só aumenta ainda mais essa vontade. Antes da terceira morte, Marguerite nos apresenta dois graus/estados em que ela mostra que a alma ainda vive em grande escravidão de sua vontade.

³¹ Compreendida como obediência apenas religiosa, formal e exterior.

A caridade (no terceiro grau) é apresentada como uma atitude movida pela compreensão do Amor. Neste sentido as Almas não são influenciadas por coisas do mundo para fazerem o bem aos outros, mas as fazem motivadas pela compreensão da bondade de Deus/Amor. A busca incessante de agradar o Divino faz com que a alma deixe de lado suas necessidades para suprir às do próximo, multiplicando as obras de caridade. Nesse terceiro estado, para a alma que escreve esse livro, o recomendado seria doar-se ao próximo³² e nesse momento abandonar-se: “E notai que aquele que viesse a ter a caridade perfeita, seria mortificado nos afetos da vida do espírito por obra da caridade” (PORETE, 2008, p.35), já que estaria fazendo a vontade de Amor. Justamente por querer fazer a vontade de Amor é que a alma percebe que ainda está cheia de vontade e, por isso, resolve abandonar os trabalhos externos.

No quarto estado a alma, que decide abandonar os trabalhos externos, vive uma vida de meditação, que segundo a autora: “a Alma é absorvida pela elevação do amor nas delícias do pensamento na meditação, e abandona todos os trabalhos externos e a obediência a qualquer outro pela elevação da contemplação” (PORETE, 2008, p. 190). E, inebriada pelas delicias do amor, não quer outra coisa que não seja isso, mostrando o quanto a alma ainda está cheia de vontade. Para essa alma, nesse momento e com essa compreensão, não poderia haver estado mais elevado que esse. Para Mariani:

O quarto [grau], é talvez o mais perigoso pelo seu poder de sedução, perigoso pelo risco de interromper-se um itinerário em que é possível ainda vivenciar mais dois estágios até o último estágio na eternidade. Nesse estado, a alma é absorvida por elevação de amor em delícias de pensamentos graças à meditação e desprendida de exigência exterior (trabalho e obediência) graças à elevação da contemplação. [...] Ela sabe e

³² Num olhar mais superficial sobre a obra de Marguerite Porete poderíamos acreditar que nesse estágio, terceiro grau, poder-se-ia apontar a ‘ética’ no pensamento da autora, mas percebemos no decorrer do seu livro que nesse estado a alma encontra-se movida pela VONTADE de agradar a Deus para ter algo em troca. E, por isso, suas intenções não correspondem a ações de almas aniquiladas. Quando despojadas, as almas não terão mais vontade e, com isso, poderão dar à natureza o que ela pede, inclusive voltar-se ao próximo sem segundas intenções. Para Teixeira: “Essa profunda comunhão com Deus por intercâmbio do amor não implica uma recusa criatural, como pode dar a entender o olhar superficial. Trata-se de um mergulho no Uno que proporciona um brilho singular ao canto das coisas. É uma imersão (experiência) que suscita um novo olhar para a presença de Deus em todas as coisas (M26:5). Como bem sinaliza Marco Vannini, a meta proposta pelo Mirouer não é um ‘país estrangeiro, um paraíso fora desta terra, um Deus ‘outro’ e distante, mas ao contrário, a nossa verdadeira morada [...]’. A mística de Porete desdobra-se num sentimento de ‘profunda unidade com todas as criaturas’. Não há lugar desabitado pela presença do Amor. Ele está em toda parte e suscita admiração e acolhida a todas as coisas (M30:8-11)” (TEIXEIRA, 2008, p.28). No mais, nos aprofundaremos sobre esse tema no capítulo 3.

procura repetir sempre que, grande risco corre, aquele que perde de vista a plenitude, confundido pelas vantagens ou pelas delícias que experimenta nos estágios intermediários, por não haver realizado o êxtase de si mesmo que o levará de fato à verdadeira transfiguração (MARIANI, 2008, p. 153).

Dentre os estados apresentados até aqui, o mais perigoso sem dúvida é esse (quarto estado), pois, envolta na contemplação/meditação de Deus e inebriada por aquilo que ele pode oferecer, a alma poderia dá-se por satisfeita nesse grau e acreditar que não existiria algo superior, o que não é verdade.

No quinto estado, onde também se dá a terceira e última morte, a morte da vontade, quando a alma abandona sua vontade para que a de Deus seja nela, é que ela consegue chegar ao aniquilamento. Para Marguerite:

Não é mais a sua vontade que o quer, mas é agora a vontade de Deus que quer nela; pois essa Alma não permanece no Amor, que a faria querer isso por meio de algum desejo; ao contrário, é o Amor que permanece nela, que tomou a sua vontade e por meio dela realiza a sua própria vontade. [...] Essa Alma não sabe mais falar de Deus, pois está aniquilada de todos os seus desejos externos e dos sentimentos internos, e de todos os afetos do espírito, de tal forma que ela faz o que faz pela prática dos bons hábitos, ou pelos mandamentos da Santa Igreja, sem nada desejar, pois a vontade, que lhe dava o desejo, está morta (PORETE, 2008, p. 39).

Quando a alma abandona sua vontade ela deixa de lado tudo aquilo que poderia lhe afastar de Deus, despida de todo tipo de mediação, seja exterior ou interior, pois, para a alma “quem faz a obra é Deus, nela e sem ela”. Segundo Schwartz:

Se a alma permanece com sua vontade, ela se volta para as coisas criadas, consequentemente, sua habilidade e seu intelecto ficam limitados. O intelecto, gerado pela habilidade e controlado pela vontade, só fornece o conhecimento permitido pela vontade (SCHWARTZ, 2005, p. 255-256).

Enquanto a alma permanecia com sua vontade não havia nela espaço para que Deus se revelasse, a partir do momento em que ela deixa sua vontade, caindo em um abismo que a faz compreender que ela é a maldade total, em oposto a Deus, que é a bondade total, ela percebe que ela não é e Deus é. Marguerite assim apresenta no capítulo 117:

Sou a soma de todo o mal, pois contendo em minha própria natureza o que a maldade é, portanto, sou pura maldade. E Ele, que é a soma de todo o bem, contém em si, por sua própria natureza, toda a bondade. Portanto, Ele

é toda bondade. Assim, sou a maldade total e Ele é a bondade total (PORETE, 2008, p. 185).

Ao compreender que é o oposto de Deus, enquanto a alma é pura maldade, Deus só pode ser pura bondade, a alma compreende que é nada e é a partir dessa compreensão do seu nada que ela chega a mais completa liberdade (de todas as coisas, inclusive de si). Nesse momento não tem mais nada que a impeça de unir-se a Deus. Essa união acontece somente no sexto estado e dura pouco tempo, apenas uma centelha. Nas palavras de Porete:

A obra da centelha, enquanto dura, não é senão a demonstração da glória da Alma. Isso não permanece por muito tempo em nenhuma criatura, exceto somente no espaço de seu movimento. Por isso, tal dom é nobre, diz Amor, pois realiza sua obra antes que a alma tenha qualquer percepção ou consciência de sua operação (PORETE, 2008, p. 111).

Tal alma sofre uma aniquilação tão grande, durante essa experiência de encontro com o Divino, e devido o tempo passar muito rápido, é que ela não consegue falar nada sobre o que lhe acontecera. Caso pudesse ver algo, durante a experiência, só poderia ver somente Deus, pois não restou mais nada dela enquanto criatura. Para Nogueira:

A alma não se vê porque ela própria tornou-se espelho cristalino e, como espelho, ela reflete Deus. No entanto, mesmo afirmando que Deus se vê por si nela, para ela, sem ela; Alma e Deus, na verdade, tornam-se espelhos um do outro, posto que se a alma pudesse se ver, se veria como Deus, assim como Deus se vê nela. Ela e Deus tornam-se um só: espelho cristalino e uno (NOGUEIRA, 2015, p.25).

Quanto mais aniquilada a alma estiver, pobre de si, limitada e sem sua vontade, percebendo sua maldade e, conseqüentemente, seu nada, é que ela vai estar livre. Nesse processo de negação de si, deixando a cada grau a natureza carnal, a alma conseguirá um estado de perfeição que possibilitará ter uma experiência com o Divino, tornando-se espelho de Deus. Marguerite ainda cita um sétimo estado do qual não se pode falar, pois ele acontecerá somente quando as almas estiverem unidas permanentemente com Deus, na glória eterna.

Nesse momento do nosso texto podemos perceber de forma geral um panorama do livro de Marguerite Porete, como se daria esse caminho para o aniquilamento e união mística com Amor/Deus. Apresentamos os estados (e as

mortes místicas) que a alma deveria passar e o que cada um transformaria na consciência da alma. Desde pequenos passos como no primeiro grau onde a alma observa a lei, quanto em estados mais elevados quando há a morte da vontade e, conseqüentemente, a liberdade da alma, dando lugar ao encontro com Amor/Deus. Tendo um certo conhecimento sobre a obra/ensinamentos que o livro de Porete nos traz, passaremos no capítulo seguinte a reflexão sobre a vida, processo inquisitório e obras (em alemão) de Mestre Eckhart.

2 O DESPRENDIMENTO EM MESTRE ECKHART

Neste capítulo faremos uma breve introdução sobre o contexto histórico em que viveu Mestre Eckhart, haja visto que ele viveu no mesmo período em que Marguerite Porete (e que também desenvolveu seu pensamento místico) o qual já apresentamos no capítulo I, não querendo, portanto, sermos repetitivos. Apresentaremos as implicações que um homem de uma ordem religiosa (vinculado à Igreja Católica) teve que colher por deixar o estudo e ensino em língua latina (a qual deveria fazer uso por ser professor e por causa do seu público inicial) para pregar, posteriormente, em língua vulgar/alemã para um público ‘não apto’ a maiores reflexões sobre a Sagrada Escritura. Ensinando, nessas pregações, um caminho místico (caminho de desprendimento) no qual as almas poderiam ter uma experiência com Deus, motivo este, que o levava a julgamento e condenação como herege pela instituição que fazia parte.

2.1 Contexto histórico em que viveu Mestre Eckhart

Diante de uma Idade Média que começa a perder uma de suas características mais peculiares, o do fim do poder universal do papa, a ruptura (gradual) entre Estado e Igreja dá início a uma nova maneira de se ver a vida. Após Felipe, o Belo (1285-1314), na França, questionar o poder do papa Bonifácio VIII (1294 – 1303), ele dá início a instauração de duas instancias distintas e assim o poder do Papado e o poder do Império poderiam seguir rumos independentes³³. Enquanto os dois maiores poderes da época por vezes não se entendessem, não se demorou muito para que o surgimento de novas maneiras de espiritualidade/‘movimentos religiosos’ comesçassem a aflorar. Apesar das diversidades e divergências entre si, eram unânimes em contestar a mediação institucional da Igreja e na busca de autonomia para determinados indivíduos e grupos.

Nos mosteiros e nos conventos podia ser percebido uma inquietação, que fora das instâncias tradicionais, algumas pessoas não mais se satisfaziam com uma religiosidade passiva e formas tradicionais de piedade, já que estas não levariam a

³³ Nesse momento do texto estamos apenas apontando que por causa de interesses particulares das autoridades da época há um desgaste na relação entre Estado e Igreja, e não que neste exato momento houve uma ruptura definitiva.

um contato direto com Deus. E é nessa atmosfera tomada pela inquietação e pelo movimento revolucionário, vivendo diante do eclesiástico e do leigo que nosso filósofo desenvolveu seu pensamento místico.

Mestre Eckhart (1260-1327) nasceu na Turíngia, e ainda jovem entrou para a ordem dos frades dominicanos, ensinou como mestre em Paris durante dois anos e pode ser citado como protagonista da mística alemã³⁴. Em 1313 vai a Estrasburgo para dirigir espiritualmente uma vasta população feminina, conhecida como beguinhas³⁵. Podemos dividir a produção literária de Eckhart em dois momentos, um em que o mestre se dedicou a sua produção em língua latina, destinada ao ambiente acadêmico e aos religiosos que dominavam o latim, nesse ambiente o mestre seguia o modelo da época, possuía um estilo mais formal e didático/escolar, dedicando-se aos comentários e às grandes sínteses, além de estar envolto ao clima das disputas.

E o outro, usando a língua alemã, teve sua produção literária voltada a um público totalmente diferente do habitual. Em língua vulgar (pois não se tratava do latim, língua oficial para o ensino/institucional) o mestre prega seus sermões com a preocupação de fazê-los com uma linguagem mais acessível para aqueles que muitos chamavam de “iletrados”. Sobre as obras deixadas por Mestre Eckhart seja em latim ou em alemão informa Saranyana:

Eckhart deixou opúsculos em baixo-alemão e em latim. As obras alemãs estão formadas fundamentalmente por sermões e por três pequenos tratados. As obras latinas são comentários à Sagrada Escritura: Gênesis, Êxodo, Eclesiástico, Sabedoria, Cântico dos Cânticos (apenas um

³⁴ Segundo De Libera: “Encarregado ao mesmo tempo de orientar e proteger as “religiosas” de Teutônia, Mestre Eckhart cumpriu sua missão utilizando todos os meios a seu alcance: isto quer dizer que investiu ali toda a sua cultura de mestre parisiense. Com isso, instrumentalizou, edificou e instruiu uma doutrina que buscava uma expressão intelectual superior a seu equipamento de origem e que não conseguia obtê-la por si mesma. A “mística renana” nasceu desse encontro entre uma aptidão singular e uma vontade coletiva” (DE LIBERA, 1999, p. 295).

³⁵ Não há um consenso entre os estudiosos de Mestre Eckhart sobre a ideia de que ele tenha dirigido espiritualmente as beguinhas, em Nogueira 2015 em nota de rodapé 12, p. 19, lemos: “A imagem de Eckhart como orientador espiritual de algumas comunidades femininas não é ponto pacífico entre os seus estudiosos. [...] Fui informada pela estudiosa de Mestre Eckhart, Profa. Dra. Alessandra Beccarisi, que há uma biografia bem recente que desconstrói o mito de Eckhart como orientador espiritual das mulheres”. No entanto, seguiremos com a compreensão de Alain de Libera, que acredita que Eckhart tenha sido o mestre espiritual dessas mulheres/beguinhas, ou que se não tenha sido orientador destas, pelo menos que algumas mulheres e seus escritos o tenha influenciado, como afirma McGinn ter sido o caso do livro de Marguerite Porete: “O texto da beguina francesa foi quase certamente conhecido e usado por Mestre Eckhart” (MCGINN, 2017, p. 366), ou mesmo o mais recente estudo de NOGUEIRA, 2019 *Marguerite Porete e Mestre Eckhart*: algumas aproximações, que mesmo mantendo a ideia de Eckhart não ter sido orientador espiritual das mulheres, afirma que o Mestre alemão deve ter tido conhecimento do texto da mística francesa.

fragmento) e Evangelho de São João; um volume de sermões; comentários às Sentenças; e as questões parisienses (SARANYANA, 2006, p. 423).

Como o objetivo do nosso trabalho não é refletir sobre as obras de Eckhart em latim, mas em alemão, no qual ele desenvolve seu pensamento místico, faremos uso, mais adiante neste capítulo, dos seus *Sermões Alemães* (mais especificamente do sermão 1 e 2, onde ele apresenta a ideia de esvaziamento do templo e da recepção de Deus na alma e o gerar frutos, usando as terminologias, respectivamente, de “moça-virgem” e “mulher”), além de *O livro da divina consolação* e seu texto *Sobre o desprendimento* que nos servirá como base nesse capítulo. Assim sendo, voltaremos a falar sobre a pregação em língua alemã/vulgar, mesmo se preocupando em passar suas ideias (falar sobre o divino) de forma mais clara, não é de se negar que o conteúdo proferido pelo Mestre exigiria um esforço maior de seu público do que o simples ouvir passivamente. Para Oliveira:

É preciso mencionar, também, o público a que o *Meister* se dirigia, em sua maioria pessoas simples e iletradas, certamente pouco preparadas para os altos voos intelectuais exigidos por sua pregação. Eckhart recebeu, ainda em vida, diversas críticas por isso: foi acusado de ter exposto questões de difícil compreensão a pessoas incapazes de compreender mensagens tão profundas, quando o mais ajuizado era ter reservado a especulação teológico-filosófica para o ensino em latim, que era a língua universal dos sábios (OLIVEIRA, 2016, p. 178).

E, por isso, pelo fato de que seu público seria “iletrado”, na visão da maioria, é que não se deveria perder tempo ensinando tais pessoas, porém, Eckhart afirma que seria por esse mesmo motivo que deveria lhes ensinar. Assim, afirma o mestre:

Dir-se-á também que não se deve falar ou escrever sobre tais doutrinas para os iletrados. A isso respondo: se não é lícito instruir os iletrados, nunca ninguém se fará letrado, e já não haverá quem possa ensinar e escrever. Com efeito, é por isso que se cuida de instruir os iletrados, para que, de iletrados, se tornem letrados. Se nada houvesse de novo, nada ficaria velho (ECKHART, 2016a, p. 52).

Durante esse período em que se dedicou ao ensino em alemão, para o povo, nosso filósofo também foi o mestre espiritual dessas mulheres/beguinas e, assim, como elas desenvolveu um conhecimento/experiência mística³⁶. Questionava-se

³⁶ A título de curiosidade, segundo Nogueira: “Entre 1311-1313, o dominicano alemão esteve em Paris, onde ensinou como Mestre pela segunda vez. Lembremos que Marguerite Porete foi queimada como herege na Praça de Grève, em Paris, em 1310, ou seja, Eckhart volta a Paris um ano depois da condenação de Marguerite e convive com o inquisidor Guilherme Humbert que pertencia à mesma

sobre uma vida religiosa mais elevada, tendo como base de seu ensinamento místico a contemplação da divindade. O principal aspecto de seu pensamento que o levou a ser condenado como herege foi o de afirmar que a alma não era criada, mas eterna, deixando margens para compreensão da divindade da alma³⁷.

Diante do que foi apresentado até aqui, podemos ter uma compreensão sobre o ambiente em que Mestre Eckhart viveu e desenvolveu seu pensamento, a princípio, em latim, ensinando a um público bem específico (letrados) e, depois, em alemão, a um público (iletrados) bem diferente do anterior e que geralmente não caberia se aprofundar aos conhecimentos da Sagrada Escritura. E é por transgredir as regras, ensinando em língua vulgar, e a um público não convencional, conhecimentos que não seriam destinados a eles, que nosso pensador teve que responder (e, conseqüentemente, ser punido sendo chamado e condenado como herege), pela autoridade (Igreja) sobre seu 'desvio' na fé.

2.2 Mestre Eckhart: entre a ortodoxia e a heresia

Ao falarmos em Mestre Eckhart, de seu pensamento e obras, poderíamos dizer que versaríamos entre o “homem ortodoxo” e o “homem herege”, tendo em vista que o mestre desenvolveu um primeiro pensamento enquanto professor, defendido pela Igreja Católica e, noutro momento, enquanto pregador, reprovado por ela. A escolha/defesa por um desses ‘dois’ Eckhart depende muito de quem o interpreta e como o interpreta. Podemos dizer que uma dessas interpretações, uma de bastante significância, pelo menos para o mestre, já que ele era um homem da Igreja, é sem dúvida àquela que o condenou como herege. Sabemos, é claro, que o processo só teve fim e Eckhart só foi considerado oficialmente herege depois de sua morte. Segundo Saranyana, Mestre Eckhart:

Foi acusado de pregar doutrinas perigosas em língua vernacular, mas, examinado pelo inquisidor, foi absolvido de toda suspeita. Anos mais tarde,

ordem religiosa do Mestre alemão, no convento dominicano de Saint Jaques. Não é difícil, portanto, deduzir que Eckhart não só teve conhecimento do processo contra a mística francesa, como também deve ter conhecido sua obra” (NOGUEIRA, 2015, p. 20).

³⁷ Segundo Lucas “A divinização do homem é o tema de sete artigos condenados (10, 11, 12, 13, 20, 21 e 22), todos extraídos de sermões alemães. Neles, Eckhart manifesta seu entendimento de que a unidade da essência divina se dá por meio da encarnação de Deus em cada homem, e não apenas no Cristo. A encarnação presente em lugar da encarnação histórica. Esse acontecimento é um fato pessoal, individual e perfeitamente possível. Pela inabituação do Verbo, o homem se torna um com Deus, em perfeita unidade” (LUCAS, 2014, p. 27).

o arcebispo de Colônia reabriu o processo, e Eckhart foi condenado por seus inquisidores em 1327. Nessa data, apelou a Roma, redigiu um memorial justificativo, e fez uma solene profissão de fé e submissão à autoridade eclesiástica na igreja de seu convento de Colônia. Dois anos depois, em 27 de março de 1329, quando já havia falecido, João XXII promulgou a bula *In agro dominico*, na qual condenava dezessete proposições extraídas de suas obras, e declarava que outras onze eram extraordinariamente perigosas (SARANYANA, 2006, p. 423).

Talvez o fato de que o mestre estivesse ligado à Igreja e ter servido a ela durante muito tempo fez com que ele fosse absolvido num primeiro processo, quando ainda estava vivo e mediante uma declaração de fé e de submissão às autoridades eclesiásticas, que serviria/serviu como uma espécie de retratação/‘arrependimento’ público pelo tempo em que andou se ‘desviando’ da ‘verdadeira fé’(da Igreja Católica)³⁸. O fato dele ter se retratado só adiou seu julgamento, pois, como já falamos, sua condenação veio após sua morte. Nas reflexões de Vannini:

O caso de Eckhart é realmente emblemático do destino da mística cristã como realização da experiência religiosa, com todos os problemas que isso comporta. Dominicano – membro, portanto, de uma ordem nascida exatamente para a defesa da ortodoxia –, professor em Paris – no vértice, portanto, da instituição eclesiástica –, foi submetido nos primeiros anos do século XIV a um processo por heresia, relativo a acusações semelhantes às que pesavam sobre seus Irmãos do Livre Espírito (VANNINI, 2005, p. 58).

Como expressa Vannini o caso de Eckhart era bastante delicado, estando ele inserido em um ambiente religioso que presava a ‘ordem’. Pela tradição da Igreja Católica, ele nunca deveria ter se ‘desviado’ justamente para aquilo que deveria ‘combater’. Além do que, pelo nível de ‘discernimento’ que possuía, pelo fato de ter sido professor duas vezes em Paris, não poderia nunca ter se deixado levar por uma ‘onda mística’ à qual, na grande maioria das vezes, a Igreja considerava tais pessoas como ‘pessoas desequilibradas’.

E é em 1329 que dezessete sentenças de Eckhart foram consideradas heréticas, e onze dessas foram consideradas temerárias. A seguir, o parecer da Igreja sobre a obra de Eckhart e alguns de seus artigos condenados:

³⁸ No estudo de NOGUEIRA, 2019, a autora traz para reflexão justamente a diferença no julgamento de um ‘herege’ ligado à Igreja e influente em seu período, no caso Mestre Eckhart, contrapondo-se a uma herege que fora julgada e condenada sem maiores distinções, nesse caso, Marguerite Porete. Nesse mesmo estudo a autora ainda ressalta pontos de aproximações entre a mística de Eckhart e Marguerite.

João, bispo, servidor dos servidores de Deus, em constante memória do ofício. No campo do Senhor, no qual por disposição superior e imerecidamente somos guardiães e lavradores, devemos exercer o cultivo espiritual com vigilância e prudência, de modo a, se porventura um inimigo semear ervas daninhas sobre a semente da verdade, elas sejam sufocadas em sua origem, antes de se multiplicarem em um pulular altamente nocivo, a fim de que, destruída a semente dos vícios e arrancados os espinhos dos erros, a copiosa plantação da verdade católica fortifique-se. Com muito pesar participamos que nestes tempos alguém das regiões alemães, de nome Eckhart, doutor, segundo nos foi informado, nas Escrituras Santas e professor da ordem dos Frades Pregadores, quis saber mais que o conveniente, não mantendo a sobriedade nem a conformidade com a medida da fé, pois, desviando seu ouvido da verdade, entregou-se às fábulas. Seduzido, com efeito, pelo pai da mentira, que frequentemente toma a forma de um anjo de luz a fim de espalhar as sombrias e profundas trevas dos sentidos no lugar da claridade da verdade, esse homem, semeando no campo da Igreja, contra a lucidíssima verdade da fé, espinhos e tribulos, e esforçando-se para daí crescerem cardos nocivos e sarças venenosas, ensinou muitas coisas que obliteraram a verdadeira fé no coração de numerosos fiéis, expostas principalmente em suas predicções ao povo simples, mas também registradas em seus escritos (BULA PAPAL apud GUERIZOLI, 2000, p. 398).

Alguns artigos condenados na bula

[6] Sexto artigo. Igualmente mesmo aquele que blasfema Deus, louva a Deus.

[12] Décimo segundo artigo. Tudo o que a Sagrada Escritura diz sobre Cristo cumpre-se integralmente em todo homem bom e divino.

[13] Décimo terceiro artigo. Tudo que é próprio à natureza divina é integralmente próprio ao homem justo e divino. Assim, esse homem opera tudo o que Deus opera, tendo criado o céu e a terra em união com Deus e sendo gerador do Verbo eterno; e sem tal homem Deus não saberia o que fazer.

[14] Décimo quarto artigo. O homem bom deve conformar sua vontade à vontade de Deus, de maneira que ele queira tudo o que Deus quer. E como Deus quer, de alguma forma, que eu tenha pecado, eu não quero não ter pecado – e essa é a verdadeira penitência (BULA PAPAL apud GUERIZOLI, 2000, p. 399-400).

Depois de condenar o Mestre como herético e qualquer pessoa que defendesse ou aprovasse seus artigos, a parte final da bula, de seu processo de condenação, afirma que Eckhart se arrependeu de todas as heresias pregadas e, percebendo seu erro, torna público por meio de um documento seu arrependimento e sua (re)afirmação na fé católica. Mas muito se especula se realmente foi o Mestre Eckhart que escreveu essas palavras renegando suas crenças ou tenha sido a Igreja que o tenha produzido. A seguir o parecer da igreja sobre o suposto documento que o mestre lhe enviara:

Além disso, queremos também comunicar àqueles a quem os ditos artigos foram pregados ou ensinados como doutrina, e também a todos os outros que chegaram ao seu conhecimento, que o mencionado Eckhart, no fim de sua vida, por meio de um documento público e confeccionado para esse fim, reconhecendo sua fé católica, renunciara e reprovava quanto ao seu conteúdo os vinte e seis artigos citados, os quais reconheceu ter pregado, e igualmente todos os seus escritos e ensinamentos, seja na Escola ou em seus sermões, que pudessem produzir na alma dos fiéis um sentido herético ou errôneo, inimigo da verdadeira fé, querendo que estes fossem tomados como simples e integralmente revogados, como se ele os tivesse revogado um a um particularmente, pela sua completa submissão, tanto de sua pessoa quanto de seus escritos e palavras, à determinação da sede Apostólica e à nossa (BULA *PAPAL* apud GUERIZOLI, 2000, p. 402-403).

Podemos perceber que para a Igreja, Eckhart se desviou da verdade, àquela repassada por ela, pregando ensinamentos errôneos que profanavam suas regras. Embora a intenção do mestre não tenha sido muito diferente daquilo feito pela Igreja, pelo menos em tese, o de levar o homem/alma a Deus. Nosso filósofo não se satisfaz com uma relação distante/mediada, mas com uma relação direta na qual o homem se uniria e tornar-se-ia Uno com Deus, de tão perto e tão semelhante que ele estaria de Deus. Desse modo, para a Igreja mestre Eckhart esteve errante em seus caminhos, mediante um momento de fragilidade que o teria levado a se desviar da verdade, mas logo percebera o erro e voltara ao caminho certo, arrependendo-se e (re)afirmando ser a Igreja Católica o verdadeiro e único caminho para Deus.

Envolto a dois mundos distintos, o ‘ortodoxo’ e o ‘não ortodoxo’, entre o ‘permitido’ e o ‘transgressor’, Mestre Eckhart caminhou entre a ortodoxia e a heresia e, no final, foi condenado por herege justamente por pregar aquilo que a religião/Igreja também pregara, ou pelo menos deveria, sobre Deus e como o homem pode chegar até Ele. Sobre o pensamento místico do mestre, que o ‘condenou’ como herege, ele sugere um caminho de desprendimento do eu para que o homem possa esvaziar o lugar que é de Deus e este possa ocupar esse lugar e, assim, ter uma experiência mística com o Divino, que será o que apresentaremos a seguir.

2.3 O desprendimento como caminho para união com Deus

Mestre Eckhart defende o discurso do desprendimento em seus *Sermões Alemães* que podem ser encontrados, em parte, traduzidos para o português em *O*

*livro da divina consolação e outros textos seletos*³⁹. Aqui encontramos o tratado conhecido como *Do desprendimento* e nele o místico alemão afirma que a maior das virtudes é o desprendimento, pois este capacita o homem a unir-se a Deus. Eckhart busca em sua união com Deus tornar-se, por meio da graça, o que Deus é por natureza e, por isso, faz-se necessário deixar de lado o que lhe levaria às criaturas. Procurando uma virtude que, segundo ele, lhe desvincularia das criaturas para lhe vincular somente a Deus: a virtude do desprendimento. Para o mestre a mais alta e a melhor das virtudes seria:

A que capacite o homem a melhor e mais estreitamente unir-se a Deus e tornar-se por graça o que Deus é por natureza, e que mais o assemelhe à imagem que dele havia em Deus e na qual não havia diferença entre ele e Deus, antes que Deus produzisse as criaturas (ECKHART, 2016c, p. 20).

Para Eckhart, o processo de desprendimento aconteceria por meio de um caminho gradual de despojamento de si⁴⁰, no qual o homem iria deixando de lado as virtudes, imagens, representações e tudo que lhe poderia deixar por ventura mais distante de Deus, inclusive sua vontade. Segundo Eckhart: “O puro desprendimento ou total disponibilidade tudo supera, pois de certa forma todas as virtudes visam à criatura, ao passo que o desprendimento está desvinculado de todas as criaturas” (ECKHART, 2016c, p. 20). No decorrer de seu discurso sobre o desprendimento ele procura por essa virtude maior, comparando-a as outras, como, por exemplo, a caridade, mas o problema da caridade é que quando alguém ama vai em direção ao amado e, para Eckhart, esse movimento deveria ser o contrário: Deus é que deveria vir em direção ao amante, por causa do desprendimento e, lhe amar.

Para o filósofo, era muito melhor forçar Deus vir ao homem do que fazer o caminho inverso, o homem empenhar-se, cheio de sua vontade, ir a Deus, pois a caridade faz o homem suportar tudo por causa de Deus. De modo diferente, o desprendimento faz com que o homem seja acessível somente a Deus.

Outra virtude que nosso filósofo apresenta em seu discurso sobre o desprendimento é a humildade, contudo, ele afirma que mesmo essa virtude sendo louvável não poderá ser comparada com o que o desprendimento pode nos

³⁹ Além dos *Sermões Alemães* e *O livro da divina consolação* chegou até nós, também escrito/ensinado em língua Alemã, outros pequenos textos que o Mestre escrevera, como *A nobreza da alma humana* e algumas questões que ele respondera foram reunidos como *Conselhos espirituais*.

⁴⁰ Talvez não tão delimitado como Marguerite Porete o fez em seu livro *O Espelho*, sobretudo, no capítulo 118.

oferecer. Na humildade o homem se inclina às criaturas, saindo de si em direção a outro ser, contudo, no desprendimento, o homem permanece em si e, por isso, o permanecer em si é mais nobre do que o sair de si. Logo, para Eckhart, a caridade assim como a humildade estão ligadas a um caminho a ser feito durante um certo tempo como pressuposto para se chegar a união com Deus.

Para Eckhart, o puro desprendimento ou total disponibilidade tudo supera, pois, de certa forma todas as virtudes visam à criatura, ao passo que o desprendimento está desvinculado de todas as criaturas (Cf. ECKHART, 1994, p. 148). Esse momento, em que o homem compreende que melhor é não fazer nada para Deus do que fazer isto ou aquilo, faz com que ele compreenda que é quando se despoja a vontade, do eu, que Deus se sente movido para ocupar seu espaço onde antes estava ocupado pela vontade, cheia de isto ou aquilo. Para o místico:

O desprendimento perfeito ou a total disponibilidade não pretende submeter-se nem sobrepor-se a criatura alguma; não quer estar abaixo nem acima; o que ele quer é estar ali por si mesmo, sem querer bem nem mal a ninguém, sem querer ser igual ou desigual a criatura alguma, sem querer ser isto ou aquilo: quer apenas ser, e nada mais (ECKHART, 1994, p. 149 – 150).

E é por querer apenas ‘Ser’/estar no homem, nele sozinho, que Deus só pode ocupar seu lugar se o homem estiver vazio, livre de todas as representações. De modo que Eckhart inicia seu Sermão 1 com a mensagem que é a base de sua mística: a de que se esvazie o templo para que o Senhor e, somente Ele, possa estar só e reinar nele. Segundo Eckhart:

O templo, no qual Deus, seguindo a sua vontade, quer poderosamente reinar, é a alma do homem. Deus a formou e criou justamente bem igual a si mesmo [...] Por isso, Deus quer ter esse templo vazio, a ponto de ali não haver nada mais do que Ele só. Esta é a razão por que esse templo lhe agrada tanto, já que lhe é justamente tão igual e Ele se sente tão bem aconchegado nesse templo, sempre que nele só Ele se encontra (ECKHART, 2009, p. 39).

Desse modo, Deus quer que o homem se despoje de tudo o que é mundano, para que assim, Ele tenha espaço na alma, exclusivo para Ele. Por isso, quando Jesus entra no templo e vê aquelas pessoas fazendo mau uso do lugar de comunhão com o Pai, Ele, ao expulsar e mandar esvaziar o templo, fala que é preciso compreender melhor a importância do nosso templo (nossa alma) para que

possamos entrar em comunhão com Deus. Que em Mestre Eckhart está expresso pelo caminho do desprendimento. No livro da divina consolação ele nos apresenta o seguinte exemplo:

Um vaso não comporta duas qualidades de bebida. Se se destina a conter vinho, é preciso despejar a água; o recipiente tem de estar vazio e livre. Da mesma forma, se quiseses acolher a Deus e sua divina alegria, forçoso te é que despejes primeiro as criaturas [...] Em suma, tudo o que deve acolher e ser receptivo deve necessariamente estar vazio (ECKHART, 2016a, p. 22-23).

O fato de Jesus mandar que se esvazie o templo e, que muitos compreenderam erroneamente a mensagem intrínseca em seu comentário, o esvaziamento não era do espaço físico, mas das mediações (inclusive o eu) que em muito afastavam os homens do verdadeiro relacionamento com Deus⁴¹. O esvaziamento seria do eu, deixando de lado a procura de Deus exteriormente para buscá-lo, ou melhor, deixar que Ele apareça à medida que se vá criando espaço para isto.

Desse modo, para Leonardo Boff, na introdução de *O livro da divina consolação* ele afirma: “Cada criatura carrega dentro de si a idéia de Deus (Urbild). Eckhart denomina a isso de chama, centelha (Funke, Fünklein). Esta chama não se perde nem pode ser totalmente destruída. Só pode ser coberta” (BOFF, 1994, p. 35). Nesse sentido, o homem não pode extinguir totalmente e definitivamente Deus de dentro de si, ou aquilo que Deus colocou de si dentro do homem. O que esse pode fazer é, na medida em que ele vai vivendo sua vida e preenchendo e deixando ser preenchido aquele espaço pertencente somente a Deus, o ser de Deus no homem pode ser encoberto por outras coisas a ponto de Deus não conseguir mostrar-se na criatura.

⁴¹ Na tradução da Bíblia King James Atualizada no evangelho de Marcos cap.11, o versículo 15 vem traduzido da seguinte maneira: “Assim que chegou a Jerusalém, Jesus entrou no templo e começou a expulsar os que ali estavam apenas comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que comercializavam pombas” (BKJ, 2012, p.1873 grifo nosso). O Senhor nos mostra que toda obra exterior é inútil se o homem interior não compreender o verdadeiro caminho, o de despojamento de si. O esvaziamento do templo, de tudo que é mundano e, que ocupa o espaço de Deus, só será possível a partir do momento que os homens deixarem de fazerem apenas obras exteriores sem que a obra interior já tenha sido feita primeiramente. Citando Mestre Eckhart: “Jamais será pequena a obra exterior, sendo grande a obra interior, nem grande e boa, sendo pequena ou sem valor a obra interior” (ECKHART, 2016a, p.32). A mensagem de ambas as citações é que de nada adianta as obras exteriores se o interior não tiver sido mudado anteriormente, tais obras apenas servirão para mostrar uma falsa comunhão com Deus.

À medida que o homem vai esvaziando esse espaço Deus vai aparecendo como reflexo nele. “Quando o homem descobre e põe a nu a luz divina que nele Deus criou naturalmente, nele a imagem de Deus se torna manifesta” (ECKHART, 2009, p. 235). Sendo assim, mais do que um procurar, fora de si, é necessário um deixar de buscar Deus em algo exterior e, na verdade, do próprio ato de buscar, já que essa ação sempre vem movida pela vontade. Deus se mostra, segundo Eckhart, quando não podemos mais nos ver, na medida em que o eu desaparece é que o Deus/eu (o meu ser tão unido ao de Deus que não existe mais eu, só Deus) torna-se visível.

Eckhart não restringe somente a alguns tal acontecimento, é tanto que ele prega seus ensinamentos em língua vulgar, como já foi dito, sendo, pois, receptivo até aos mais simples. Isso porque o ser de Deus está em todas as criaturas, o terreno pode se tornar fértil na medida em que cada homem o deixa ser. Como nos explica Boff:

Quando alguém alcançou esta atitude, liberta realmente o que esconde dentro de si: a chamazinha de Deus, colocada no fundo do espírito. Ela quer subir, chegar ao alto, ao coração de Deus. Esta semente germina em cada coração. O coração pode fazer-se terra estéril, cheia de espinhos e abrolhos; mas apesar disto guarda dentro de si um tesouro precioso, a semente de Deus que sempre quer brotar. As preocupações e o apego às coisas do interesse terreno são como entulhos que lançamos sobre esta fonte interior. Eles encobrem a fonte, mas não podem extingui-la. Ela pode um dia jorrar (BOFF, 1994, p.39).

A mística de Mestre Eckhart busca mostrar a importância do desprendimento, do despojamento de si e, por isso, é necessário que a semente, que já está dentro do homem, germine e possa mostrar o que lhe tem de mais interior, Deus. Como já falamos, é necessário passar por um processo de desapego do eu, a ponto de não importar-se com mais nada (eu, outro e até mesmo Deus).

Para Eckhart, o relacionamento com Deus não exclui o homem do mundo, como se negligenciasse as coisas do mundo, mas que o homem transformado pelo relacionamento com Ele possa ver o mundo de forma diferente a ponto de que tudo que faça, Deus o faria também. Assim, a mística Eckhartiana busca conciliar experiência mística e vida no mundo, para entendermos melhor essa relação apresentaremos dois conceitos que nosso filósofo utiliza em seu pensamento, como “moça-virgem” e “mulher” em seu sermão 2.

Só lembrando que o Mestre sugere uma caminhada e, nessa, o abandono de toda exterioridade e até o abandono de si faz-se necessário, o abandono das virtudes e das representações, são alguns pontos em que o místico sugere para uma união com o Divino. Assim sendo, refletiremos, a partir de agora, não esses primeiros estados de desprendimento, já que objetivamos compreender como a partir da experiência mística com o Deus o homem/alma se relaciona com o outro⁴².

E é, por isso, que nos deteremos ao que para o místico alemão são os dois estados mais elevados que a alma pode chegar, o estado que a alma recebe a Deus, aqui metaforizado pelo que ele chama “moça-virgem” e quando ela exterioriza a divindade, o dar frutos, e que ele ilustra com a imagem da “mulher”. Segundo Eckhart:

Se o homem permanecesse para sempre moça-virgem, dele não viria nenhum fruto. Para tornar-se fecundo, é necessário que seja mulher. “Mulher” é o nome, o mais nobre que se pode atribuir à alma, e é muito mais nobre do que “moça-virgem”. Que o homem *conceba* Deus em si é bom, e nessa concepção é ele moça-virgem. Mas que Deus se torne nele fecundo, isso é bem melhor. Pois frutificar a dádiva é a única gratidão para com a dádiva. E ali, o espírito é mulher, na gratidão que gera novamente, lá onde o espírito gera novamente a Jesus para dentro do coração paterno de Deus (ECKHART, 2009, p. 47).

Quando Eckhart nos apresenta essa terminologia “moça-virgem” ele nos apresenta também a base de seu ensinamento sobre o desprendimento, ou seja, a indispensável liberdade do desapego à exterioridade, ou como ele mesmo afirma desapego às imagens. E, por isso, ser “virgem” exige que o homem deixe a si mesmo e todas as coisas para que então possa alcançar o que tanto almeja: ser aquilo que era antes de ter sido. Segundo Eckhart, somente com esse retorno seria possível o desprendimento e a união com o Divino. Conforme Jarczyk e Labarrière:

O desprendimento, muito mais um estado do que uma ação, provém de que um ser se possui tanto ou tanto é ele mesmo, segundo a verdade que ele é, que não tem a menor necessidade de acrescentar o que quer que seja nem ao que ele é, nem ao que é, pela simples razão de que *ele é tudo* (JARCZYK e LABARRIÈRE, 2004, p. XVI).

Nesse sentido, ao contrário de ser uma perda, esse esvaziamento de si, possibilita ao homem a abertura para uma vida superior. Assim sendo, a alma deve

⁴² É nessa relação, depois do encontro com Deus, que o homem transformado pela experiência com o Divino pode agir diferente (com amor) com o outro, pois, torna-se reflexo de Deus no mundo. A esse agir com amor damos o nome de “ética do amor”, a qual explicaremos melhor no capítulo 3.

se libertar das mediações, aqueles conhecimentos que são adquiridos pelas imagens e representações. Para que, distante do mundo exterior, possa adquirir o conhecimento mais elevado. Logo, a “virgindade” está relacionada ao esvaziamento daquilo que impede o retorno da alma ao seu estado primeiro, estado esse que a leva a Deus. Segundo Souza: “Portanto, a “virgindade” consiste em esvaziar-se de tudo aquilo que constitui um obstáculo a esse retorno, pois é no despojamento, antes que no conhecimento dado em comparações e discursos, que a alma encontra Deus” (SOUZA, 2012, p. 118). Ao compreender o que seja uma “virgem”, segundo Eckhart, desprendimento na sua dimensão passiva (receptiva), ou seja, a receptividade absoluta de Deus na alma, ele nos sugere que sejamos “mulher”. Como nos explicita Souza:

Ao dizer que é necessário que a virgem seja também mulher, Eckhart estende a necessidade do desprendimento: não mais só em relação às imagens, mas também em relação às obras. Apesar de a “virgem” ser livre de toda “propriedade” e receptiva ao nascimento de Deus nela, ela não é, portanto, fecunda ainda. Para tornar-se “fecunda”, é “necessário que seja mulher”. Esse é o ponto que marca a virada a um campo de reflexão particularmente eckhartiano (SOUZA, 2012, p. 121).

Isso porque o desprendimento não atinge o seu grau máximo na estática recepção de Deus na alma. Mestre Eckhart acreditava que essa “virgindade” seria o caminho para o total despojamento, ou o caminho para a “fecundidade” do ser. Para essa “fecundidade” é necessário tornar-se “mulher”, sendo ainda “virgem”, pois “mulher” é quando a união de Deus com a alma gera frutos, deixando a “virgindade” para tornar-se “mulher” que exterioriza as obras feitas em si (dimensão ativa). Desse modo, Deus gera nessa alma seu Filho a fim de que ela continue a gerá-lo em suas obras. Citando ainda Souza:

A descrição eckhartiana da “virgem” segue um horizonte muito familiar aos seus ouvintes: aquele da receptividade de Jesus na alma “virgem”. Mas a “virgem” torna-se “mulher”. A insuficiência da “virgem”, apesar de sua importância, reflete a igual insuficiência de uma vida espiritual livre de toda possessão, mas ainda apegada à imagem dessa liberdade, o que resultaria em uma nova forma de “propriedade”. É assim que, a partir do estado de “virgem”, certamente necessário no início, mas ainda preso à “propriedade” de um lugar, aquele da vontade de possuir, que move ainda as obras ascéticas, é partir daí que Eckhart convida-nos ao lugar sem lugar da “fecundidade”, que é divina (SOUZA, 2012, p. 121).

Como observamos ser somente “virgem”, ser tão vazio de si e das outras coisas, a ponto de Deus gerar-se nesse vazio, não é para Eckhart o último estado do desprendimento, mas o caminho para a “fecundidade da mulher”, a atividade a qual o homem em unidade com Deus dá frutos. “Mulher” dá fruto e esse fruto é o próprio Deus que frutifica dentro da alma exteriorizando seu fruto, que nada mais é do que Ele mesmo. A alma em seu estado máximo de desprendimento dá fruto e esse fruto é o próprio Deus, assim sendo, quando exterioriza seus frutos não pode dá senão outra coisa que não seja Ele mesmo, o amor.

Sendo assim, concluímos que o desprendimento em Mestre Eckhart não está ligado ao fazer ou deixar de fazer obras externas, mas em ser despojado dessas, inclusive de si mesmo, para poder dar lugar para que Deus floresça em seu templo/alma e, não apenas isso, mais também que a alma se torne fecunda.

Diante do que foi exposto até aqui, tanto no capítulo 1 que fala da experiência mística e do processo de aniquilamento que Marguerite Porete propõe para unir-se ao Amor (Deus), quanto nesse capítulo, que relata o desprendimento que a alma tem que passar, segundo Mestre Eckhart, para ter uma experiência com o Divino, passaremos para o último capítulo com o intuito de fazermos um paralelo entre o pensamento dos autores. Assim, no capítulo 3, além de apontarmos as aproximações entre os pensamentos dos nossos autores, buscaremos sinalizar em que momentos/passagens nossos pensadores ‘indicam’ uma conduta/olhar para fora de si (para o próximo), depois da experiência transformadora com o divino, que poderíamos ler/entender como uma atitude ética e, no caso do nosso trabalho, uma “Ética do Amor”.

3 A POSSIBILIDADE DE UMA ÉTICA DO AMOR

Neste momento do nosso texto buscaremos refletir sobre como a perda do eu (vontade) e a compreensão do nada (nada saber sobre Deus e o nada ser da alma) conduz, na mística de Marguerite Porete e de Mestre Eckhart, a alma a união com Deus/Amor e, além dessa união, como essa alma se porta no mundo depois da experiência mística. É esse último aspecto, o comportar-se no mundo, que mais nos interessa, uma vez que estamos sugerindo que da união mística com Deus/Amor a alma aniquilada/desprendida move sua ação pelo amor. A essa ação com amor em relação ao próximo damos o nome de “Ética do Amor”. Para chegarmos nesse momento do nosso texto, apresentaremos primeiro a dificuldade em falar sobre a experiência mística e seu ensino, já que nossos pensadores ensinavam esses caminhos para as demais almas. Só quando se entende que a linguagem que os místicos usam não consegue abranger a totalidade de seu objeto/Deus é que compreenderemos que devemos expandir nossa compreensão muito além do que a linguagem pode nos falar.

3.1 Uma linguagem apofática na mística Porretiana e Eckhartiana

Diante da dificuldade de falar algo sobre Deus e, no caso de Marguerite Porete e Mestre Eckhart, além disso, relatar/instruir as demais almas a uma relação mais íntima (união mística) com Amor/Deus, a linguagem acaba se tornando uma barreira entre o falar/relatar e o profundo significado dessa fala. Nesse sentido, Porete e Eckhart em seus caminhos de aniquilamento e desprendimento sugerem um abandono de toda afirmação, seja nas ações da vida exterior, como também no abandono de toda afirmação do eu (vontade) e do esforço em querer compreender/chegar a Deus por meio de caminhos levados/afirmados pelo eu.

Nesse sentido, notamos a influência⁴³, em especial, da teologia negativa ou apofática⁴⁴ do Pseudo-Dionísio em nossos autores. Para um ‘falar’ sobre a

⁴³ Na mística desses autores podemos notar também a influência do neoplatonismo, do pensamento de Santo Agostinho, dentre outros, em nosso trabalho, só destacaremos a influência, em especial, da teologia apofática do Pseudo-Dionísio. Como ressalta Cícero Bezerra: “A influência que a obra dionisiaca terá na tradição cristã é impressionante. Graças à tradução, do grego, realizada por Escoto Erígena, em 860, e outras mais, a obra será lida, reinterpretada e incorporada aos textos de Tomás de Aquino, Mestre Eckhart, São João da Cruz, Nicolau de Cusa, Edith Stein e, mais recentemente, J. Derrida” (BEZERRA, 2016, p. 100). Sobre a influência do pseudo-Dionísio no pensamento de

experiência mística, que foi experimentado por quem relata através da compreensão de que nada se sabe sobre Deus e, por isso, não se deve procurar conhecê-lo através da racionalidade. Isso porque Deus, segundo Pseudo-Dionísio: “Ele não pode ser alcançado pela razão, pois não é conhecimento nem verdade, domínio nem sabedoria” (PSEUDO-DIONÍSIO, 2015, p. 53). Pois, não é pelo que tentamos conhecer sobre Deus através da razão (o que ele é), mas o que precisamos deixar de querer conhecer, através do eu, que impulsiona a alma a seu amado (caminho do aniquilamento e desprendimento que nossos pensadores sugerem).

Nesse sentido, para Bernard: “De Deus não sabemos o que ele é, mas somente que ele é; toda teologia deve integrar este sentido da negação no tocante ao conhecimento de Deus” (BERNARD, 2010, p. 63), isso acontece porque toda afirmação é limitada e não consegue abranger o que Deus é. Por essa compreensão é que Dionísio sugere a via negativa, pois é mais fácil dizer o que Deus não é do que afirmar o que Ele é. Em outras palavras, se conhece mais a Deus negando-o, estando ciente que não se sabe sobre o que Deus é, do que afirmando com base na limitada e finita compreensão dos atributos de Deus, que sempre parte do mundo sensível e, por isso, são limitados.

Como afirma Georges Darboy: “Dionísio ensina que Deus não é nada daquilo que conhecemos, mas que Ele ultrapassa tudo aquilo que pode ser percebido por nossa razão” (DARBOY, 2015, p. 55) e acrescenta Saranyana: “Deus é

Eckhart, escreve Bernard: “Mestre Eckhart sem dúvida não exibe uma teologia apofática substancialmente diferente da teologia de Dionísio ou de seu mestre Santo Tomás” (BERNARD, 2010, p. 103). Sobre a possível influência no pensamento de Marguerite Porete, escreve Bernard McGinn em nota de rodapé 305: “Porete obviamente tenha conhecido Agostinho e os principais místicos do século XII, não é fácil (e relativamente sem importância) determinar quais contatos ela pode ter tido com o *corpus* dionisiano e seus intérpretes” (MCGINN, 2017, p.381). Concluindo as influências encontradas no pensamento de Marguerite Porete e Mestre Eckhart, afirma Lima Vaz: “Na tradição cristã, a mística especulativa conhecerá um longo e complexo itinerário. Trata-se de um caso exemplar do encontro entre cristianismo e platonismo, na medida em que, ao longo de todo o seu desenvolvimento, foi marcado pela estrutura de pensamento e pelas categorias neoplatônicas. Por outro lado, no entanto, será a própria tradição cristã, fluindo das fontes bíblicas, que plasmará definitivamente a forma da mística especulativa no ciclo cristão da sua história (LIMA VAZ, 2000, p. 41). Nesse sentido, estando tanto Porete, quanto Eckhart, inseridos na mística especulativa, beberam tanto dos antigos, quanto, envoltos ao cristianismo, desenvolveram suas místicas.

⁴⁴ Além da teologia negativa ou apofática Pseudo-Dionísio ainda nos apresenta a teologia simbólica (busca compreender Deus a partir do mundo sensível, fazendo uso de símbolos e objetos sensíveis); a teologia afirmativa ou catafática (parte da afirmação limitada que temos sobre os atributos, ou pelo menos, possíveis atributos, de Deus, afirmando o que Ele é) e a teologia mística (é a transcendência das vias afirmativas e negativas a qual, se vive uma experiência mística, que ultrapassa toda linguagem, restando o silêncio). Para quem se interessar saber sobre essas vias Costa e Oliveira, 2007, em seu artigo *O conhecimento de Deus e a problemática da linguagem em Dionísio Pseudo-Areopagita* apresentam de forma mais explicativa essas outras vias de acesso a Deus na perspectiva dionisíaca.

absolutamente transcendente; por isso, nada se pode averiguar racionalmente sobre a sua natureza, que é inefável” (SARANYANA, 2006, p. 102). E é só por meio da experiência mística que a alma pode ter uma ‘percepção’ diferente sobre Deus, estando ele, segundo o areopagita: “além não somente de toda afirmação quanto de toda negação” (PSEUDO-DIONÍSIO, 2015, p. 54). Nesse momento é que se apresenta a experiência mística, onde não há nenhuma afirmação ou negação, mas somente o encontro com Deus e, desse encontro, o mostrar de Deus na alma. Esse encontro acontece em Pseudo-Dionísio em sua “teologia mística”, de modo que, enquanto a via negativa compreende que nada sabe sobre Deus e, por isso, nega todo e qualquer atributo humano para caracterizar o divino, colocando Deus no nada saber dos homens, a “teologia mística” encontra no silêncio a melhor opção depois da experiência mística.

Antes de nos aprofundarmos sobre a experiência transformadora da alma que recebera o revelar-se do seu amado, em nossos autores, apresentaremos as reflexões de McGinn e De Libera sobre a influência do apofatismo e consequente influência do pensamento do Pseudo-Dionísio em Marguerite Porete e Mestre Eckhart. Como afirma, respectivamente, McGinn e De Libera:

Como todos os místicos apofáticos, Margarida insiste que não há como chegar a um acordo com Deus, mas apenas o constante esforço, o desempenho, do processo de negar as obras do intelecto e da vontade para atingir o aniquilamento no qual Deus e a Alma se tornam absolutamente um só mais uma vez. Portanto, o nada (nihil) é central em Margarida Porete. Pode-se dizer que seu pensamento místico se fecunda em dois pilares apofáticos: (1) Deus é totalmente incompreensível e, portanto, “nada” partindo da perspectiva das categorias humanas; (2) a Alma deve tornar-se nada, querendo nada, a fim de atingir o Deus que é nada e, portanto, tudo (MCGINN, 2017, p. 381).

Longe de unir-me a Deus, o conhecimento reflexivo me priva de Deus. O verdadeiro conhecimento de Deus é a pobreza de espírito característica daquele que Eckhart chama, alternadamente, o *homem pobre* ou o *homem nobre*. O homem pobre ou nobre, oposto ao “teólogo”, é o homem da *αγνοσία* dionisiana – aquele “que nada sabe de nada” e “nada sabe sequer que vê Deus” (DE LIBERA, 1999, p.296).

Para McGinn o pensamento apofático em Marguerite Porete dá-se num primeiro momento na compreensão de que não se consegue chegar até Deus pelas vias comuns, mas há a necessidade da negação das obras do intelecto e da vontade. A partir desse momento compreende-se que Deus é incompreensível e, por isso, um *nada*, nada daquilo que podemos compreender por nossa própria

disposição e conhecimento. E é a partir dessa compreensão (no segundo momento) que a alma busca o despojamento do eu (aniquilamento/desprendimento) para que, livre de tudo o que é exterior e interior, possa tornar-se nada e, no nada, encontra-se com o *nada* de Deus unindo-se com Ele, pois não há nenhum impedimento para isso. De igual modo, De Libera, afirma que em Eckhart o conhecimento reflexivo/racional priva a alma do verdadeiro conhecimento de Deus e, por isso, o 'homem pobre' ou o 'homem nobre' é aquele em que o desprendimento já fez o seu papel e, portanto, esta no nada saber, podendo chegar ao *nada* de Deus. Sobre o nada, nas palavras, respectivamente, de Marguerite Porete e Mestre Eckhart:

Agora essa Alma, diz Amor, tem seu nome correto a partir do nada no qual permanece. E já que ela é nada, nada lhe preocupa, nem sobre si mesma, nem sobre seus próximos e nem sobre Deus mesmo. Pois ela é tão pequena que não se pode encontrá-la. Todas as coisas criadas estão tão distantes dela que ela não pode senti-las. E Deus é tão grande que ela não pode compreender nada. Por conta de tal nada, ela caiu na certeza de nada saber e na certeza de nada querer. E esse nada do qual falamos, diz Amor, lhe dá tudo, e ninguém poderia ter isso de outra maneira (PORETE, 2008, p. 142 e 143).

A alma possui duas forças que não têm nada a ver com o corpo, o intelecto e a vontade, que atuam acima do tempo. Oh, se os olhos da alma estivessem abertos de modo que o conhecer contemplasse claramente a verdade! Sabei: Para um homem assim seria tão fácil deixar todas as coisas como se fossem uma ervilha, uma lentilha ou como nada; sim, por minha alma, todas as coisas seriam para esse homem como nada! E há certa gente que deixa as coisas por amor, mas considera o que deixou como muito grande. Aquela pessoa, porém, que, <mesmo> renunciando a si mesma e a tudo, reconhece em verdade que isso sempre ainda é um nada – por Deus, o homem que vive *assim* em verdade *possui* todas as coisas (ECKHART, 2009, p. 245).

Estando a alma no nada, em Marguerite Porete, ela não se preocupa mais com nada, isso porque, caso se preocupasse, ainda não estaria totalmente aniquilada. Nesse momento, a alma despreocupada das coisas do mundo, também compreende que não compreende nada sobre Deus e, por esse nada saber é que ela consegue aquilo que por outros caminhos não conseguiria chegar, o tudo de Deus. De modo semelhante Mestre Eckhart afirma que ao homem que deixa todas as coisas sem que sinta grande pesar, pois, para a alma desprendida, as coisas do mundo são como um nada e, ao deixá-las, o homem possui todas as coisas.

Nesse sentido, concluímos que a linguagem para falar-se de Deus e da experiência mística de autores como Marguerite Porete e Mestre Eckhart torna-se sempre limitada, pois busca apresentar/compreender Deus a partir do mundo

sensível. O ato de querer falar daquilo que não se consegue falar através da linguagem ordinária não torna para nossos autores a comunicação sobre o Divino algo impossível. Como vimos, nessa seção, os místicos usam de muitos outros artifícios para relatar suas experiências místicas/caminhos (no caso apresentado a via da negação, que é apenas um entre muitas maneiras de expressar algo sobre Deus).

Compreendendo que na maioria das vezes não há como falar da experiência mística e, conseqüentemente, de Deus em termos claros/diretos, mas por meios de metáforas, negações e etc., é que buscaremos sinalizar nesse último momento de nosso trabalho uma ética (um modo de agir) que Marguerite Porete e Mestre Eckhart ‘propõem’, na verdade, a leitura que fazemos sobre o tema nas obras dos autores. Acreditamos na ideia de uma ‘Ética do amor’ em Porete e Eckhart já que ambos os autores não encerram suas experiências místicas no encontro com Deus, mas no voltar dessa união e estar no mundo transformados por Amor/Deus.

3. 2 Uma ética do Amor em Marguerite Porete e Mestre Eckhart

Antes de querermos nos empenhar sobre a reflexão de uma ética na mística de Marguerite Porete e Mestre Eckhart vale ressaltar que os autores não falam propriamente de um modelo ético do qual as pessoas devam seguir. Na verdade, eles não falam sobre a palavra ética, mas sobre o caminho que a alma deve trilhar para ter uma experiência mística com Deus/Amor. O que apresentaremos a partir daqui é a leitura que fazemos sobre como a experiência com o Divino transforma a alma, que passa a ter um novo olhar e, conseqüentemente, uma nova conduta no mundo, relacionando-se com o próximo. E, isso sim, tanto Porete, quanto Eckhart, trazem em seus escritos, chamaremos esse olhar e conduta/relação com o próximo de ‘Ética do Amor’.

Essa palavra ‘Amor’ carrega nesse momento do nosso texto tanto a ideia de ‘compaixão’ que qualquer ser humano poderia ter em relação ao outro (independente de uma experiência com Deus), quanto, a ideia do próprio Deus/Amor se relacionando com o próximo através da alma aniquilada/desprendida. Explicando melhor, já que Porete e Eckhart afirmam que a alma depois da união com Deus/Amor se tornariam a própria Divindade, de tão perto/unida a Ele, não restando mais nada da sua antiga natureza, sendo Deus/Amor que faz a obra nela e sem ela,

quem ama e se relaciona com o próximo não é mais essa alma, mas o ser de Deus/Amor que se encarrega de relacionar-se com o outrem, encontrando-se em todas as criaturas. Nesse sentido, segundo Enio Giachini:

A concepção das criaturas como sendo nada orienta também o pensamento da ética eckhartiana. Se as criaturas nada são, não há o que fazer pela atuação do empenho ético para vir a ser o que se deve ser. Por outro lado, como já é sempre de antemão o ser, mesmo que não tenha ciência disso, o homem não precisa querer e buscar e operar um dever ser, mas apenas aceitar aquilo que já sempre foi. A idéia tradicional de ética é a de demonstrar a diferença ontológica entre ser e dever ser, indicando caminhos de aproximação e superação dessa diferença (virtude) (GIACHINI, 2006, p. 24).

Tanto Mestre Eckhart quanto Marguerite Porete carregam em seu pensamento mística essa ideia de esvaziamento de si (perda da vontade) para que, estando no nada, aniquilado/desprendido de tudo que é exterior e interior, possam estar aptos para recepção de Deus/Amor na alma. De modo que, depois da experiência com o divino a alma chegue a um estado de 'perfeição', possuindo, como diz Eckhart, a centelha de Deus, que transforma a velha natureza da alma em sua imagem. É nesse momento de transformação que a alma, ao estar no mundo, não precisa se preocupar em como deve agir com os outros, pois, tudo que fizera será bom, já que fora transformada pelo próprio bem/Deus/Amor. Por isso mesmo a importância da alma entregar sua vontade a Deus, para que ele possa fazer a obra, nela (alma) e sem ela (sua vontade). Sobre a entrega da vontade da alma a Deus e o quanto ela ganha quando se perde, escreve Marguerite Porete:

Não é mais a sua vontade que o quer, mas é agora a vontade de Deus que quer nela; pois essa Alma não permanece no Amor, que a faria querer isso por meio de algum desejo; ao contrário, é o Amor que permanece nela, que tomou a sua vontade e por meio dela realiza a sua própria vontade. Assim, Amor opera nela sem ela, razão pela qual ela não tem mais nenhuma ansiedade. Essa Alma, diz Amor, não sabe mais falar de Deus, pois está aniquilada de todos os seus desejos externos e dos sentimentos internos, e de todos os afetos do espírito, de tal forma que ela faz o que faz pela prática dos bons hábitos, ou pelos mandamentos da Santa Igreja, sem nada desejar, pois a vontade, que lhe dava o desejo, está morta (PORETE, 2008, p. 39).

Isso porque a transformação só acontece depois do aniquilamento, enquanto a alma não consegue deixar sua vontade (o eu) ela não consegue obter a verdadeira compreensão do que é o amor, seja a Deus, a ela ou ao o próximo. Podemos, inclusive, afirmar que essa compreensão do 'amor' não esta só relacionada a certo

sentimento de empatia ou compaixão ao próximo, como já falamos, mas da compreensão do próprio Amor (Deus). Pois, certas revelações/entendimentos só podem ser compreendidas depois de ‘morrer’ (mortes místicas, neste caso, morte da vontade ou o que poderíamos chamar também da morte do eu). Para Vannini, em Marguerite: “O amor ao próximo e o amor a Deus são vistos em sua profunda afinidade, desde que sejam verdadeiro amor, isto é, caridade, que se move sem temor, sem desejo de recompensa, sem se afeiçoar nem mesmo às alegrias espirituais” (VANNINI, 2005, p. 60). Enquanto a alma não tiver morrido para si, não conseguirá ver a Deus e os outros com esse ‘amor’ (de Deus), pois suas ações sempre irão visar o eu (sua vontade). Enquanto não houver o silêncio do eu (aquietar da alma) não poder-se-á ouvir a Amor/Deus. Ainda segundo Vannini:

O fim da vontade, que é sempre e em qualquer situação egoísta, significa, por conseguinte, o fim do amor enquanto desejo, mas se esse fim ocorre por causa da transbordante riqueza do próprio amor, a alma cessa de amar porque se torna ela mesma Amor, ou seja, estabelece-se uma identidade entre Amor, Alma e Deus. Sozinha e livre, na liberdade do puro amor, a alma nobre é sempre “pensativa sem tristeza, alegre sem ser dissoluta” – aliás, não se deve nem dizer que experimenta alegria, mas que é a própria alegria, encontrando da mesma forma Deus em todas as coisas (VANNINI, 2005, p. 61).

Essa transformação do ‘antigo amor’ (que poderia, por vezes, ser guiado pelo temor, visando algum retorno seja material ou espiritual) da alma em um ‘novo amor’ (verdadeiro amor, que não busca nada em troca) é a causa da transformação da alma no Amor de Deus (que é o próprio Amor). Nesse sentido, a alma transforma-se no próprio Amor (Deus) que a faz vê-se (Deus, e ela também, já que esta unida a ele) em todas as criaturas. Essa visão que a alma tem de enxergar Deus em todas as criaturas acontece porque essa alma, transformada, pelo Amor no amor, consegue perceber no outro o que elas têm em comum, o Amor/Deus. Nesse ponto, de deixar a vontade para obter uma vida desprendida e, conseqüentemente, transformada por Deus, é que Eckhart afirma que a vontade de fazer algo para Deus tem que dá lugar a perda total de qualquer vontade, só assim, de fato, a alma nada quer e deseja. Sobre a perda da vontade, afirma Mestre Eckhart:

Enquanto o homem ainda quizer e tiver <em si> a *vontade* de realizar a amantíssima vontade de Deus, ele não possui a pobreza, sobre a qual queremos falar. Esse homem <ainda> tem uma vontade, com a qual quer satisfazer a vontade de Deus, e isso *não* é reta pobreza. Se o homem deve possuir verdadeiramente pobreza, deve estar tão vazio de sua vontade

criada como ele era quando <ainda> não era. Digo-vos, pois, pela verdade eterna: À medida que tiverdes a *vontade* de realizar a vontade de Deus e o anseio pela eternidade e por Deus, ainda não sois pobres. Um homem pobre é somente aquele que *nada* quer e *nada* deseja (ECKHART, 2009, p. 288).

A verdadeira pobreza para Eckhart não está ligada em deixar as coisas exteriores, de modo que essas não impeçam a alma de chegar a Deus, será um obstáculo na mística eckhartiana o ato de querer (ter vontade) de agradar a Deus. O ato de destituir-se de toda vontade ligada ao exterior é o caminho para chegar-se a Deus. Para isso, faz-se necessário, que o homem se deixe (abandonando sua vontade), inclusive a vontade de agradar a Deus. Nesse momento é que terá sua pobreza, segundo Eckhart, quando nada quer e nada deseja. E afirma no sermão 62:

Um homem nada deve buscar, nem entendimento nem saber nem intimidade nem piedade nem repouso, nada, a não ser apenas a vontade de Deus. A alma que é reta, como deve ser pela retidão, nem sequer anela que Deus lhe dê toda sua deidade, e se Deus lhe desse toda sua deidade, disso ela seria tão pouco consolada como se ele lhe desse uma mosca [...] Seja repouso, conhecimento ou seja o que for, o que não é só a vontade de Deus está ali por causa de si mesmo e é nada. Mas quem busca somente a vontade de Deus deve então receber o que dali eflui ou se desvela como dádiva de Deus e jamais averiguar e considerar se isso é da natureza ou da graça, donde provém ou de que modo é. Dessas inquietações deve estar totalmente despreocupado. Assim esteja ele bem e tenha uma vida cristã comum, sem mirar um fazer especial. Pois de Deus devemos receber uma única coisa, e o que incide sobre nós, devemos recebê-lo como a melhor coisa para nós, sem nenhum receio de ser impedido por dentro ou por fora por confiar-se nesse desprendimento. Se encontrar em si o amor de Deus, o que quer que deva fazer, isso lhe será o que basta (ECKHART, 2008, p. 26 e 27).

Nesse momento Eckhart nos apresenta como deveria viver a alma desprendida, deixando de lado sua vontade para que prevaleça a vontade de Deus e, por isso, não deseja nada que Deus poderia lhe oferecer, nem mesmo sua Deidade. Envolto nessa total liberdade do ser, nosso pensador, afirma que as demais coisas não têm a menor importância para alma e, com isso, Deus poderia fazer o que quisesse através dela, sem lhe gerar nenhuma preocupação sobre essa ação. Isso se dá por causa do processo que o desprendimento lhe causara, se antes a alma preocupava-se com isto ou aquilo, agora, desprendida, não preocupa-se nem com o exterior nem com o interior, mas que somente encontre em si o amor de Deus, e isso lhe basta.

Isso porque para Marguerite Porete e Mestre Eckhart o aniquilamento e o desprendimento, caminhos que eles sugerem, irão tornando o homem/alma desapegado da exterioridade e interioridade que, por muitas vezes, seja pela riqueza ou coisa do gênero (além da vontade, o eu), afasta os homens tanto de Deus quanto uns dos outros. O homem que consegue desprender-se das coisas superficiais para dedicar-se a alcançar as coisas duradouras encontrará no final Deus, não para pedir algo, mas para doar-se a Ele. Sobre estar no mundo para Mestre Eckhart, segundo Jarczyk e Labarrière, e em Marguerite Porete, conforme afirma Teixeira, respectivamente:

Ao passo que o estóico se despediu do mundo a ponto de já não se preocupar com ele, mantendo-se fora do alcance de qualquer sentimento de alegria ou de sofrimento, o que caracteriza o mundo desprendido é, essencialmente, a exemplo de Cristo – que Mestre Eckhart afirma ter sabido viver sua Paixão no mais total desprendimento –, viver, sofrer e regozijar-se em distância de verdade. A bem dizer, por conhecer e experimentar que só *há Deus* derradeiramente e por estar desprendido tanto do efêmero como do “Deus” das injunções ou das retribuições, o homem que alcançou assim o estado primeiro e derradeiro, pelo qual ele constitui “uma só forma” com a “deidade”, é o único capaz de viver *plenamente* sua existência humana na diversidade das suas tarefas e dos seus interesses. O que equivale a dizer que, desse acabamento do ser em sua forma lógico-espiritual, pode decorrer uma ética; não mais como um imperativo que exorta o homem a se pôr em conformidade com uma exigência exterior, mas como a simples manifestação da retidão interior despojada de qualquer adjunção que altere, por pouco que seja, o dado de origem: agindo, o homem desprendido não compromete sua vida íntima, como se devesse arriscá-la num mundo de perdição; seu sair de si é um sair de Deus para ir a Deus, pois que, nesse nível de densidade de ser, Deus existe nas coisas e as coisas são reconhecidas como o próprio Deus (JARCZYK e LABARRIÈRE, 2004, p. XVII - XVIII).

Essa profunda comunhão com Deus por intercâmbio do amor não implica uma recusa criatural, como pode dar a entender o olhar superficial. Trata-se de um mergulho no Uno que proporciona um brilho singular ao canto das coisas. É uma imersão (experiência) que suscita um novo olhar para a presença de Deus em todas as coisas (M26:5). Como bem sinaliza Marco Vannini, a meta proposta pelo Mirouer não é um ‘país estrangeiro, um paraíso fora desta terra, um Deus ‘outro’ e distante, mas ao contrário, a nossa verdadeira morada [...]’. A mística de Porete desdobra-se num sentimento de ‘profunda unidade com todas as criaturas’. Não há lugar desabitado pela presença do Amor. Ele está em toda parte e suscita admiração e acolhida a todas as coisas (M30:8-11) (TEIXEIRA, 2008, p.28).

Sendo assim, depois da experiência mística com o Deus todo Amor, por meio do processo de desprendimento/aniquilamento, reforçando nossa ideia de uma ‘Ética do amor’, as almas, transformadas por Amor no amor, já teria as virtudes, características éticas, tidas como essenciais, intrínsecas a elas. Nesse sentido, no

aniquilamento/desprendimento as almas possuiriam as virtudes na sua forma mais sublime e pura, por isso, no desprendimento de Mestre Eckhart e no aniquilamento de Marguerite Porete a alma encontra-se em seu estado máximo de perfeição, quando negando-se, encontra-se unida Àquele que é Perfeito, não podendo ser de outra maneira que não seja a própria perfeição. Afirma Rombach:

É só porque nem tudo já é como deve ser, que pode existir algo como leis e exigências morais e com isso também, bem e mal. Se o próprio ser já é o bem, e se tudo que é já é ser no sentido mais excelso, sendo esse ser pleno e indiviso, toda proposição da ética tradicional se esvai (ROMBACH *apud* GIACHINI, 2006, p. 24)⁴⁵.

Só se deve ser/fazer algo quando ainda não se é, necessitando um esforço e mudança, mas, como afirma Rombach, quando já se é o algo, não há mais a necessidade de mudança. Em outras palavras, em nossos autores, se as almas aniquiladas/desprendidas já são 'Amor', pois fora transformadas pelo encontro com Deus (o próprio Amor), não precisa 'ter' a necessidade de agir diferente de seu 'novo ser', a ação 'fora de si' será o que a alma se tornara: em Amor. De modo que o agir bem não será nenhum esforço para as almas aniquiladas/desprendidas, além de não por em risco seu 'novo ser', pois tal ação é o seu próprio ser. Desse modo, o agir bem, ou melhor, o ser bom, é intrínseco a alma desprendida, além do mais, unido a Deus o homem só pode ver o que Deus vê, por isso, ele o vê em todas as coisas, pois Deus se vê em toda criatura. Afirma Marguerite, sobre encontrar Deus em todas as criaturas, segundo Amor:

Ela o sabe, diz Amor, pois o encontro sempre lá, ou seja, em todas as coisas. Pois é preciso encontrar a coisa em seu lugar, e como Ele é tudo em tudo, essa Alma o encontra em tudo. Por isso tudo lhe é conveniente, pois ela não encontra em nenhum lugar uma coisa onde não encontre Deus (PORETE, 2008, p. 74).

Como já falamos anteriormente, e reforçando aqui, a alma encontra Deus/Amor em todas criaturas porque consegue enxergar o que as criaturas tem em comum entre si (a centelha de Deus). E não só o encontra mais ama todas as criaturas, pois não pode ser 'diferente' do próprio Amor, que dera a alma seu amor e, ela, com isso, pode, ao sair de si, amar todas as criaturas. Isso vale tanto para a

⁴⁵ Giachini esta citando ROMBACH, Heinrich. *Substanz, System, Struktur: die Ontologie des Funktionalismus und der philosophische Hintergrund der modernen Wissenschaft*. Freiburg/München: Karl Alber, 1965. v. 1. p. 188.

experiência mística (transformadora) da alma em Marguerite Porete, quanto em Mestre Eckhart.

De forma semelhante, o modo de agir e ser da alma, para Eckhart, não deve ser somente voltado à recepção de Deus na alma, o que ele chama de “virgem”, o que não quer dizer que nosso pensador não considere importante esse momento, mas tornar-se “mulher” e dar frutos é para o filósofo o ápice de sua mística. Isso porque, para ele, mais importante do que a reflexão era a ação, tornar-se “mulher” seria doar-se também ao próximo e, não viver isolado/indiferente do que lhe é exterior. Como bem explica o místico: “Se alguém estiver em êxtase, como esteve S. Paulo, e souber que um enfermo necessita de uma sopinha, deixe seu êxtase de amor e sirva o necessitado com grande amor. Eu julgo tal gesto muito melhor” (ECKHART, 1994, p.113). E é nesse mesmo sentido que Eckhart afirma que quando se está no estado de contemplação o homem só serve a si mesmo, mas nas obras que faz serve a muita gente. Segundo Leonardo Boff:

Para o Mestre a ação que realmente vale para Deus e para a salvação é aquela que nos torna bons a nós mesmos a ponto de tudo o que fizermos ser bem feito. A ação deve orientar-se a não repetir o que sempre foi, mas a abrir o espaço para que Deus apareça, pois Ele está escondido dentro de todas as coisas e de todas as pessoas. A transformação vai liberando a imagem de Deus de dentro das situações, especialmente aquelas que ocultam Deus pela injustiça e pelo apego desumanizador às coisas. Ao comentar o pai-nosso diz com acerto: se não dividirmos o pão-nosso e não o fizermos realmente de todos, não comemos apenas o pão de nossa mão, senão que roubamos o pão dos outros. O grande pregador possui um sentido afinado pelo tema da justiça e da solidariedade para com os outros, especialmente aqueles mais afetados pela sorte na vida (BOFF, 1994, p. 48).

Como vimos, para Eckhart (e para Marguerite) o que realmente importa não é somente a realização do encontro do homem com Deus, tornando-se Uno com Ele, mas, sobretudo, do homem nobre com seu próximo. De nada adianta o homem desprender-se do que lhe é exterior, a ponto de ficar indiferente aos outros, procurando encontrar-se com Deus em si, se não consegue ver Deus nas coisas e criaturas. Como bem ressalta Carneiro Leão: “Tal desprendimento de todas as coisas, porém, nem rejeita, nem nega, mas acolhe o ser de Deus em toda criação” (LEÃO, 2010, p. 15). Por isso, é necessário que o homem deixe Deus transformá-lo Nele para que ele/alma possa agir com o outro como a própria Divindade agiria. Desse modo, Eckhart (e Marguerite) propõe o desprendimento para que o homem

deixe para trás sua “natureza humana/velha natureza” para assumir a “natureza Divina/nova natureza” e aí, através da experiência mística, possa desenvolver uma “ética”, um modo de agir para com o outro mais justo.

Dessa forma, podemos dizer que somente o homem/alma desprendido/aniquilado compreenderá o quanto ganha quando ele perde: perda da vontade, das imagens e representações que o afastam de Deus. O principal diferencial na relação mística do homem com Deus é, sem dúvida, seu encontro direto, sem mediação, com o que tanto almeja, o Divino. Nessa união o homem/alma encontra-se livre, inclusive para calar-se, não um mero calar, mas o calar diante do inefável. Como bem explica Nogueira:

Sempre que paramos para pensar o homem (caracterizá-lo), o pensamos como uma criatura que fala, ou seja, dificilmente o caracterizamos como um ser que cala. O que distingue o homem dos outros animais não é só a fala, é, também, a sua capacidade de calar. Naturalmente, não se trata de um simples emudecer, mas de um calar essencial e necessário: essencial porque diz respeito ao ser-homem, necessário porque do seu vigor brotam todos os seus discursos. Deste modo, o ser humano não é só o único – de entre todos os animais – capaz de falar, mas é o único, também, capaz de calar, na medida em que consegue dar ao seu silêncio um sentido (NOGUEIRA, 2013, p. 170).

Nesse sentido, o homem/alma diante de Deus nada pode falar⁴⁶, mas ao silenciar transforma-se no próprio Deus, já que somente quando se cala é que consegue despojar-se completamente de si. Segundo Eckhart: “Quando penso no “reino de Deus”, faz-se um imenso silêncio em mim. É que ele é tão grande! Pois “reino de Deus” é o próprio Deus, ele mesmo, com toda sua riqueza” (ECKHART, 2008, p. 50). Somente a alma, aniquilada/desprendida de si, que compreende seu nada diante de Deus/Amor, é que poderá silenciar-se, ou seja, viver sua experiência com Amor/Deus, pois, nesse momento não há mais nenhum impedimento para isso. Depois da compreensão que Amor dera a alma aniquilada/desprendida sobre si (Deus), essas almas, transformadas por Amor/Deus no Amor, carrega em si a essência Divina, a qual lhes dá a visão de Deus, ou seja, essas almas enxergam e se comportam como o Amor/Deus o faria no mundo e com as criaturas. E é, por isso, que consideramos em nosso trabalho ser possível pensarmos numa ‘Ética do Amor’ no pensamento e experiência mística de Marguerite Porete e Mestre Eckhart, pois,

⁴⁶ Isso porque nossa linguagem é limitada, não conseguindo abranger o ser de Deus. Falamos nesse assunto no começo desse capítulo.

depois da experiência transformadora com o Amor/Deus, a alma tem uma 'nova consciência' que a faz comportar-se no mundo e em relação ao outro de forma diferente. Transformada pelo Amor no amor, só poderá se portar no mundo com amor, ao enxergar Deus em todas criaturas.

CONCLUSÃO

O pensamento desenvolvido em *O Espelho das almas simples* de Marguerite Porete e nos *Sermões Alemães* e em *O livro da divina consolação* de Mestre Eckhart nos apresenta, sem dúvida, um pensamento místico desenvolvido por nossos autores que influenciaram (e continuam influenciando até hoje em todo o mundo) seus contemporâneos, no caso de Marguerite na mística francesa e, Eckhart sendo considerado o protagonista da mística alemã.

Queremos deixar claro que neste trabalho não houve a pretensão de esgotar (em definitivo) o estudo sobre o pensamento místico de Marguerite e Eckhart, dos quais as riquezas de suas obras ainda estão a ser desfrutadas por seus estudiosos. De mesmo modo, não encerramos em nossas reflexões a leitura de uma ‘Ética do Amor’ no pensamento místico de nossos autores, mas, nossa pesquisa sinalizou o caminho e apontamos alguns conceitos que reforçam nossa ideia, deixando abertura para pesquisas posteriores, onde teremos mais tempo para nos aprofundar, ainda mais, no que estamos apresentando como uma ‘Ética do Amor’ no pensamento de Marguerite Porete e Mestre Eckhart.

Nesse sentido, para chegarmos a tal compreensão, dividimos nosso trabalho em três capítulos que nos levam ao caminho/compreensão do que seria uma ‘Ética do Amor’ no pensamento dos nossos autores. No primeiro capítulo apresentamos o contexto histórico em que viveu Marguerite Porete e as beguinas e como foi a relação entre Estado e Igreja em relação àqueles considerados hereges, para Porete, morte na fogueira da Inquisição. Se tratando do seu pensamento, ainda neste capítulo, apresentamos o caminho para o aniquilamento, onde as almas que estão dispostas a passar pelas três mortes (do pecado, da natureza/espírito e da vontade), poderão compreender seu nada e, com isso, estar na mais perfeita liberdade, de todas as coisas externas (mundo) e internas (sua vontade). É nesse despojamento do eu/vontade que possibilita a alma ser atraída por Amor/Deus tendo sua união mística com seu amado, desta união, a alma é transformada por Amor/Deus no amor. A alma que fora aniquilada, depois do encontro com Deus/Amor, voltando para o mundo, relaciona-se com os outros com amor, sua nova natureza, neste momento apontamos para uma ‘Ética do Amor’ em Marguerite.

No segundo capítulo apresentamos também o contexto histórico em que viveu Mestre Eckhart, como foi a relação do nosso pensador ao longo da vida com a Igreja

Católica, já que ele inicialmente estava vinculada a ela (sendo também professor) e depois quando fora condenado pela mesma como herege. Apresentamos o processo de desprendimento que o Mestre sugere para encontro com Deus, nesse caminho, as virtudes, tais como a caridade e a humildade, seriam algo louvável para o mestre, mas não mais do que o puro desprendimento, o qual possibilitaria o homem vincular-se a Deus. Neste sentido, o auge da mística de Eckhart seria quando o homem (despojado de si/sua vontade) torna-se receptivo a Deus (o que ele chama “moça-virgem”) e quando ele/homem exterioriza o que recebeu desse encontro/experiência (o que ele denomina de “mulher”). É nessa recepção de Deus na alma (“moça-virgem”) e no exteriorizar/dar frutos (“mulher”) que observamos uma ‘Ética do Amor’ no pensamento de Mestre Eckhart.

No terceiro e último capítulo, apresentamos de forma mais clara a hipótese do nosso trabalho, já que fora compreendido conceitos fundamentais sobre o pensamento místico de nossos autores nos capítulos um e dois, a de uma ‘Ética do Amor’ em Marguerite Porete e Mestre Eckhart. Para isso lembramos no começo desse capítulo ao leitor que o pensamento/ensino sobre a mística e mesmo a experiência mística não pode ser compreendido de forma literal e nem o pensar sobre Deus de forma racional na mística de nossos pensadores. Assim sendo, destacamos nesse momento de nosso trabalho ser a morte da vontade (o deixar o eu) ser o ponto decisivo para uma união com Deus/Amor e, por causa dessa união, a transformação de um ‘velho eu’ (vontade da alma) em um ‘novo eu’ (vontade de Deus).

É na transformação do ‘velho eu’ no ‘novo eu’, proporcionado pelo encontro/experiência com Deus/Amor, que a alma transformada por Amor no amor, é o reflexo de Deus no mundo. De modo que tudo o que precisar fazer no mundo fará com sua ‘nova natureza’ sem que isso possa afasta-la de Deus ou mesmo sair de si, pois, a alma transformada no Amor, se relaciona com o outro conforme sua natureza, sendo Amor, encontrando a centelha de Deus (o Amor) em todas as criaturas. Em Mestre Eckhart lemos: “‘Deus é amor’, pois Deus difundiu seu amor em todas as criaturas, em si mesmo é Um. E porque em todas [e] em cada uma das criaturas há algo amável, por isso cada criatura [...] ama na outra alguma coisa que lhe é igual” (ECKHART, 2008, p. 30). É esse olhar de Amor, o que tratamos neste trabalho por Ética do Amor, como afirma Amor na obra de Marguerite: “Amai e fazei tudo o que quiserdes” (PORETE, 2008, p. 53).

REFERÊNCIAS

Fontes primárias:

ECKHART, Mestre. **O livro da divina consolação e outros textos seletos**. Introdução de Leonardo Boff; tradução de Fr. Raimundo Vier ... [et al]. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECKHART, Mestre. **O livro da divina consolação**. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2016a.

ECKHART, Mestre. **Conselhos espirituais**. Tradução de Fidélis Vering e Leonardo Boff. Petrópolis: Vozes, 2016b.

ECKHART, Mestre. **A nobreza da alma humana e outros textos**. Tradução de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2016c.

ECKHART, Mestre. **Sermões Alemães**: Sermões 1 a 60. v. I. Tradução e introdução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2009.

ECKHART, Mestre. **Sermões Alemães**: Sermões 61 a 105. v. II. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2008.

ECKHART, Mestre. **Sobre o desprendimento e outros textos**. Introdução de Gwendoline Jarrczyk e Pierre-Jean Labarrière. Tradução de Alfred J. Keller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Fontes secundárias:

ALMEIDA, Rute Salviano. **Uma voz feminina calada pela inquisição: A religiosidade no final da idade média, as beguinas e Marguerite Porete**. São Paulo: Hagnos, 2011.

BERNARD, Charles André. **Teologia Mística**. Tradução de João Carlos Nogueira. São Paulo: Loyola, 2010.

BEZERRA, Cícero Cunha. **Pseudo-Dionísio Areopagita**: Perfil. In: Narrativas místicas. São Paulo: Paulus, 2016.

BÍBLIA. N. T. **O Evangelho segundo Marcos**. In: Bíblia King James Atualizada. Comitê internacional de tradução da Bíblia King James. São Paulo: Abba Press, 2012.

BOFF, Leonardo. **“Introdução”**. In: ECKHART, M. O livro da divina consolação e outros textos seletos. Trad. R. Vier et. al.. Petrópolis: Vozes, 1994.

DARBOY, Georges. **“Síntese do argumento”**. In: PSEUDO-DIONÍSIO. **A teologia mística**. Tradução, introdução e notas de Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2015.

DE LIBERA, Alain. **Pensar na Idade Média**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1999.

GIACHINI, Enio Paulo. **“Introdução”**, 2006. In: ECKHART, M. Sermões Alemães. Tradução e introdução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUERIZOLI, Rodrigo. **A condenação de Mestre Eckhart**: apresentação e tradução da Bula Papal. In: Síntese: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v.27, n. 89, 2000, p. 387-403.

JARCZYK, G.; LABARRIÈRE, P.-J. **“Introdução”**. In: ECKHART, M. Sobre o desprendimento e outros textos. Trad. Alfred J. Keller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **A mística de Eckhart em Eckhart**. In: Mística e Filosofia. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.

LIMA VAZ, Henrique C. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.

LUCAS, Renata Aparecida. **O “Nascimento de Deus na Alma”**: a mística fundamental de Mestre Eckhart no Sermão 101. 2014. 117f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MARIANI, Ceci Batista. **Marguerite Porete, mística e teologia do século XIII**. In: Caminhos da Mística. São Paulo: Paulinas, 2012.

MARIANI, Ceci Batista. **Marguerite Porete, teóloga do século XIII**: Experiência mística e teologia dogmática em O Espelho das Almas Simples de Marguerite Porete. 2008. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Puc-sp, São Paulo, 2008.

MARIANI, Ceci Batista. **Marguerite Porete**: Perfil. In: Narrativas místicas. São Paulo: Paulus, 2016.

McGINN, Bernardo. **O florescimento da mística**: homens e mulheres da nova mística. Tradução Pe. José Vidigal. São Paulo: Paulus, 2017. Tomo III.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **A escrita feminina medieval**: mística, paixão e transgressão. In: *Mirabilia Journal*, n.17. 2013, p. 157-173.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Negação e aniquilação em Marguerite Porete e Mestre Eckhart**. In: *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v.22, n.37, jan./abr. 2015, p. 11-29.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Marguerite Porete e Mestre Eckhart**: algumas aproximações. In: SILVA, Nilo César Batista da (Org.). *Verdade, saber e poder na Filosofia da Idade Média*. Curitiba: Editora CRV, 2019, p. 115-127.

OLIVEIRA, Cleide. **Johann Eckhart**: Perfil. In: *Narrativas místicas*. São Paulo, 2016.

PONTES, Amanda Oliveira da Silva. **Amar a Deus e amar a si**: Imagens no Espelho da experiência mística em Marguerite Porete. 2016. 97f. Dissertação (Mestrado) – Ciências das religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

PSEUDO-DIONÍSIO. **A teologia mística**. Tradução, introdução e notas de Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2015.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **A filosofia medieval**: das origens patrísticas à escolástica barroca. Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2006.

SCHWARTZ, Sílvia. **A béguine e al-Shaykh**: Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn' Arabi. 2005. 327 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

SOUZA, Adriana Andrade de. **O exterior mais interior que o mais íntimo**: Eckhart e a excelência de Marta. In: *Caminhos da mística*: São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. **“Apresentação”**. In: PORETE, Marguerite. *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Tradução e notas de Sílvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VANNINI, Marco. **Introdução à mística**. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo: Loyola, 2005.